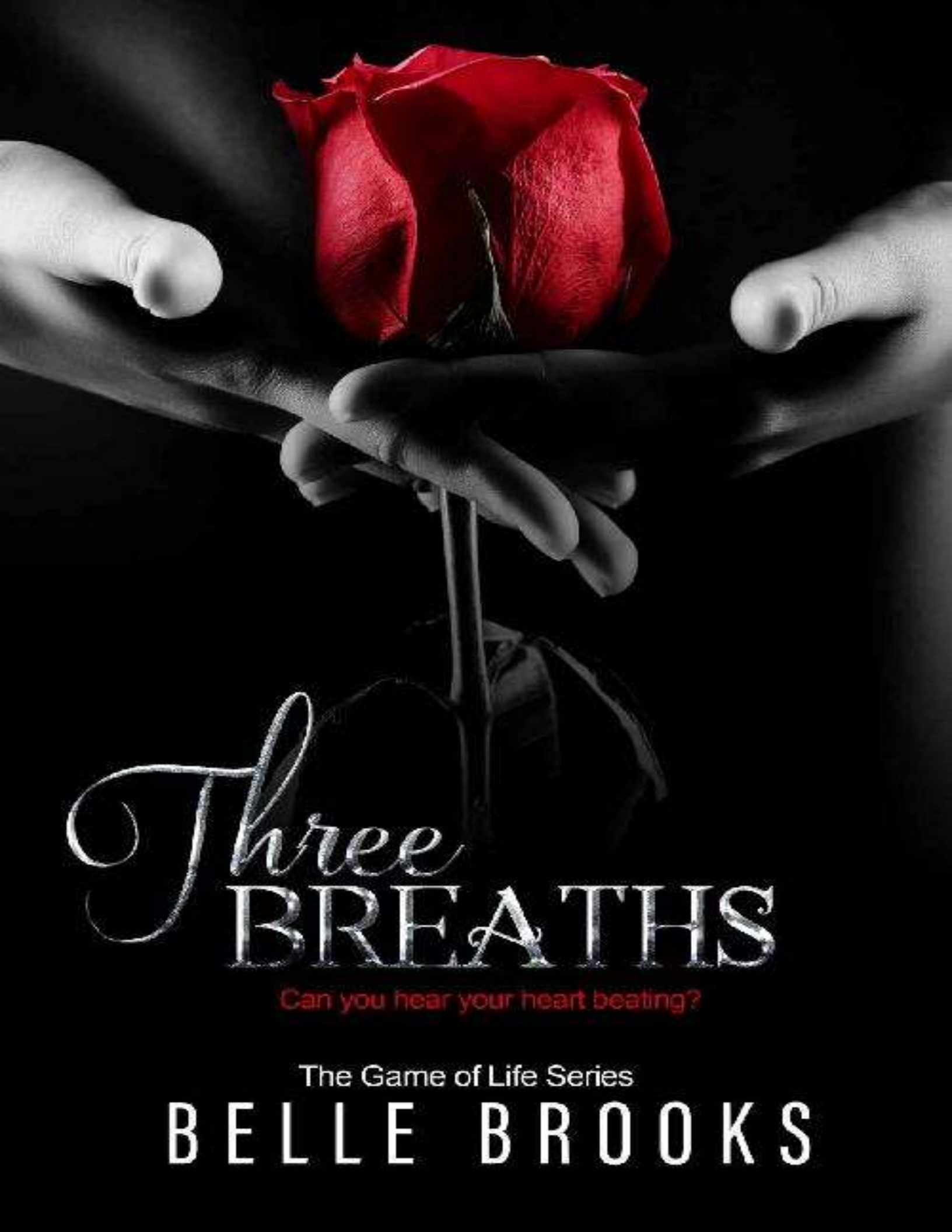

Three
BREATHS
Can you hear your heart beating?
The Game of Life Series
BELLE BROOKS



TRADUÇÃO – JULIANA ALVES
REVISÃO INICIAL – PAULA S.
REVISÃO FINAL – KALI NERD
LEITURA FINAL – ARLETE LOKK
CONFERÊNCIA – SRTA. LIMA

NOVEMBRO/ 2018

Eu não tenho ideia de quem está me caçando, mas ele exige que eu termine seus provas. Eu temo que se eu não puder descobrir quem ele é, ele vai me matar, assim como disse.

Seus olhos estavam azuis da última vez que olhei para eles, mas agora, quando ele olha para mim, eles são verdes. O lobo está brincando de se disfarçar? Ou existem dois monstros que me roubaram?

"Você achou que eu faria isso fácil para você, Chapeuzinho? Você está pronta para jogar de novo? "- O Lobo

Eu quero sair desse pesadelo, e a única maneira de fazer isso, é vencer.

Eu preciso vencer.

CAPÍTULO UM

Reid

A luminária acima da cabeça de Maloney cria a ilusão de uma auréola enquanto ele olha para a televisão. Ele parece relaxado com os braços estendidos em cima do sofá e os joelhos afastados um do outro. Seus tênis começam onde sua calça jeans é cortada, e eles parecem quase novos quando eu vou me concentrar neles na luz – branco puro, sem marcas de desgaste, sem laços esfarrapados. Eu não sei por que isso parece desanimador para mim, mas faz.

Um suave pigarro que me faz atirar meus olhos para cima. Maloney gira a cabeça em minha direção, da televisão, e sutilmente acena antes de voltar a se virar. Não consigo deixar de imaginar como Maloney conseguiu o trabalho de ser minha babá, porque é assim que essa situação parece – como se eu fosse uma criança sob constante supervisão. Todo dia, e até agora, a noite toda, alguém assistiu cada movimento meu. Eu não peguei minha esposa, e eu nunca desejei machucá-la, nem mesmo em meus momentos mais agitados. Eu quero

que Morgan volte para casa mais do que qualquer um. Também quero saber onde está meu dinheiro e por que isso está acontecendo com nossa família e com minha esposa.

Maloney não falou muito nas últimas horas. Na verdade, ele é mais quieto, desde que entrou em minha casa e passou a morar temporariamente aqui. *A fadiga está tirando o melhor dele como está tirando de mim?* Meus olhos ardem, e a dor de cabeça batendo nas sobrancelhas me faz apertar os olhos com força a cada poucos minutos para reduzir a tensão. Eu deveria dormir, mas estou com muito medo, porque e se o telefone tocar e eu não acordar para atender? Será que esse filho da puta do jogo mataria Morgan como ele prometeu que faria se eu não estivesse à sua disposição?

— Reid, você está bem? — Maloney diz suavemente.

— Huh? — Eu preciso sair da minha cabeça e longe dos meus pensamentos.

— Você está bem? — Ele diz, desta vez lento e prolongado.

— Não, — eu suspiro. — Onde está Morgan? Existe alguma nova informação?

— Nós não sabemos nada ainda. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Estamos fazendo tudo que podemos. — A frase de Maloney. Tenho certeza de que o ouvi falar essas mesmas palavras várias vezes hoje.

— Já faz mais de vinte e quatro horas. Estou preocupado pra caralho e cansado como merda. Aposto que o Morgan está … — Eu não termino de falar porque meus pensamentos brilham entre diferentes cenários.

A saia de Morgan está erguida acima dos quadris. Seus joelhos abertos. Sua calcinha descansa pelos tornozelos. Há estrias de sangue na parte interna das coxas e, quando vejo a impressão roxa da mão machucada em sua pele, pulo para o colchão sujo que cobre o piso de concreto e uso meu corpo como um cobertor para cobrir sua exposição.

— Não, não, não, — eu assobio.

Há um trem em miniatura circulando uma pista ao lado da roda-gigante. Sua buzina sopra toda vez que ele passa por um controlador de plástico grosso parado ao seu lado. O parque de diversões está ausente do riso das crianças, luzes bruxuleantes e músicas do show, até que a roda-gigante começa a girar inesperadamente. Eu levanto meu queixo

para cima em busca das crianças que estão gritando agora. Eu sufoco minha boca com as palmas das mãos quando o corpo de Morgan aparece. Ela está amarrada na estrutura de metal pelos pulsos. Balançando tão alto.

— *Morgan*. — Eu pisquei excessivamente, tentando parar essas visões. Eu não quero ver Morgan assim. Eu enrolo minha cabeça em meus antebraços, murmurando: — Deixe-a em paz.

Eu imagino um lago. É grande, com água marrom suja e galhos de árvores pendurados em suas margens, e há Morgan, de bruços, flutuando no lago, toda a sua vida pereceu.

— Ajuda. — É uma libertação fraca dos meus lábios.

Um quarto, não mais grandioso do que a área em que estou sentado, é escuro. Há um holofote focado em uma cama de dossel, e enquanto procuro pela minha esposa, é como se o ar em meus pulmões saísse como o dela. Ela está deitada, nua, com a garganta cortada de orelha a orelha, e há tanto sangue respingado nas paredes que a vontade de vomitar me supera. A cor de Morgan é azul e está fria quando eu vou esfregar sua bochecha com as costas dos meus dedos.

— Reid. — Meu nome soa como se estivesse sendo falado à

distância. Eu não respondo.

Uma estrada de terra se estende por quilômetros e eu estou desesperado enquanto corro. Paro quando vejo um corpo no centro. Eu suspiro. A saia preta e os saltos que Morgan saíra de casa pela última vez... É ela. É Morgan. Eu sinto náuseas com a visão de seu corpo pisado e seu crânio cedido para dentro. Vermelho, muito vermelho, cria padrões através da sujeira ao redor de Morgan, e eu pulo para trás em horror quando atinge a ponta do meu sapato.

— Foda-se, — eu rosno.

— O que está acontecendo, Reid? Reid, você pode me ouvir?

Eu quero vomitar. Eu estou tremendo. Eu não posso respirar. — Faça parar. — Eu me levanto de pé com os olhos arregalados e minha respiração irregular.

— Olhe para mim. — Suas mãos apertam firmemente ao redor do meu bíceps. — Eu acho que você está tendo um ataque de pânico. Apenas olhe nos meus olhos.

Eu não posso porque tudo que vejo é Morgan. Morta.

A cabeça dela está frouxamente pendurada entre as pernas em

um momento, e no outro ela está correndo através de incontroláveis chamas.

Um lampejo dela pendurada em uma corda no alto de uma árvore, tão alto que eu nunca a alcançaria para removê-la, essas imagens assumiram o controle e parece que não consigo fazer esses lampejos de filme que minha mente está criando parar.

— Vamos lá, companheiro. Fique comigo. — Maloney faz uma pausa. — Lynette, — ele grita.

— Morgan, — eu grito, enquanto eu seguro meu corpo cruzando os braços sobre o peito.

O nevoeiro está enchendo um beco. Eu estou hesitante, mas a necessidade de entrar é avassaladora. O beco de repente se torna claro, como se alguém separasse o véu espesso e esfumaçado, e ali, descartado entre sacos de lixo, está o corpo sem vida da minha esposa.

Eu cubro minha boca. — Foda-se. — Eu babo, limpando meus lábios. Eu prendo a respiração e solto um gemido angustiante.

— Respire, Reid. Venha agora, apenas respire.

É Maloney, eu posso ver seus olhos carinhosos procurando os

meus.

— Ele está machucando-a. Ele está torturando-a, estuprando-a. — Eu ofego e depois gemo a minha agonia enquanto dobro no meio.

— Você não sabe disso. Você não sabe que essas coisas aconteceram com Morgan ou que elas acontecerão. Vamos. — A mão de Maloney pressiona contra o meu ombro enquanto eu me esforço para puxar o ar para os meus pulmões. — Através do nariz, pela boca, — ele instrui com calma.

Eu faço. Três respirações diminuem um pouco do pânico que me atingiu como um ônibus atropelando um pedestre desatento.

— Eu tenho você, — diz ele. Maloney agarra minhas mãos e me puxa até meus pés arrastarem pelo chão. *Ele está me movendo*.

— Sente-se, Reid, — diz Maloney.

— Ok. — É uma resposta quase inaudível.

Maloney está agachado na minha frente quando eu olho para ele. Seu queixo está ligeiramente inclinado para trás e a boca parcialmente aberta. — Você não pode ir para esses tipos de lugares dentro de sua cabeça. Confie em mim, se você fizer isso, não haverá retorno deles.

Cada cenário que você joga irá consumir você, e então você será inútil para nós. Você precisa parar com isso para poder ser forte para sua esposa. Desmoronando como você está fazendo cairá erradamente. — Há uma longa pausa. — Você é mais forte que isso.

Eu aceno.

— Lynette, você pode pegar um pouco de água, por favor?

Lynette? De onde ela veio? Onde está? Eu tento localizá-la, mas Maloney obstrui minha visão.

— Claro, Max. — Ela é cortês.

— Reid, você e eu estamos indo para fora, não estamos? — O tom de Max é atado com preocupação.

Eu não respondo

— Vamos pegar um pouco de ar fresco, nós dois. Estaremos do lado de fora, Detetive.

Eu rosno através dos meus dentes enquanto enrolo meus punhos e os bato em minhas coxas. — Morgan, — eu gemo, suprimindo o desejo de liberar qualquer angústia adicional.

O ar está parado. Não há brisa, nem mesmo uma sugestão de uma. É abafado e seco, mas mesmo assim, eu não quero deixar esse espaço. Pelo menos eu posso respirar aqui.

Maloney oferece um indiferente aceno para o Agente Investigativo Prospect, o magro ruivo que mal me disse uma única palavra ainda. Não sei o que é sobre o agente, mas ele parece estranho de muitas maneiras. Talvez seja porque não fala muito, ou talvez porque, quando eu o vejo andando, parece estar sempre examinando o que está ao seu redor, como se estivesse bisbilhotando.

Prospect está a uma distância razoável de Maloney e eu, no gramado, não muito longe do balanço de pneus pendurado frouxamente na árvore que eu amarrei não muito tempo depois que Brax nasceu. Eu vejo como ele aponta com um dedo para o ouvido, e é quando eu percebo que está atendendo, ou talvez ele esteja ouvindo uma mensagem. Seus lábios não parecem estar se movendo, e eu não posso ouvi-lo falar.

— Ei, não se culpe por se perder lá dentro, — Maloney diz baixinho, com o dedo estendido para a porta da frente aberta. — Acontece com o melhor de nós.

— Sim, — eu digo, derrotado.

Maloney enfiou a mão no bolso da calça jeans, retirando rapidamente um maço de cigarros, e, ao fazê-lo, penso em como seria colocar cada uma daquelas varas de câncer na minha boca e acendê-las todas de uma vez. Eu sei que Cruise costumava dizer que fumava porque diminuía seus níveis de estresse. Eu me pergunto se isso funciona para o pânico também.

— Você gostaria de um? — O pacote é segurado para fora não muito longe da minha mão.

— Eu acho que vou passar. Esses cigarros têm gosto de merda.

— Eles têm. — Os cantos de seus lábios se levantam quando ele desliza o maço de volta de onde ele o pegou.

— Não me deixe impedi-lo de ter um, embora.

— Eu não fumo. — Maloney é direto na maneira como ele declara isso, como se fosse um conhecimento comum para o mundo.

Ergo minhas sobrancelhas. — Então, por que você os tem?

— Todos nós carregamos um pacote. É algo que aprendemos na

academia de polícia. Eu acho que fumo, mas só quando e se eu precisar. Você ficaria espantado com a forma como um cigarro simples pode fazer um criminoso se abrir e falar, ou um civil exausto—

— Água. — Eu me viro. *Lynette*. Seu rosto muda de emoção. Lynette tem características tão sérias, que se tornam mais notáveis quando ela está sob a luz do pátio. Eu não tenho certeza se é por causa de seus olhos escuros de corvo, ou se é porque eu não determinei se nós somos amigos ou inimigos neste momento, mas o desconforto que vem ao estar em sua companhia envia arrepios como picos para minha espinha.

— Obrigado. — Eu aceito o copo dela e bebo o líquido em apenas alguns goles.

— Você gostaria de mais?

Estou surpreso em encontrá-la esperando com uma mão estendida; surpreso porque não a achei paciente ou carinhosa nos breves encontros que tivemos.

Eu balancei minha cabeça, entregando-lhe o copo.

— Ok, — ela diz inexpressiva.

Eu não tenho a chance de responder com mais nada porque, com um piscar de olhos, a Detetive Dyson se foi. Prospect sobe pelas escadas da frente e fica ao lado de Maloney. Eu o observo enquanto ele se inclina para o lado de Maloney e sussurra algo, exibindo um sorriso enigmático. O agente me irrita. O que há com esta necessidade de sussurrar?

Maloney inclina a cabeça gravemente em resposta.

— Eu estou indo para dentro. — O agente me olha. Há uma frieza no brilho que ele oferece.

— Sim, — Maloney murmura.

— Alguma novidade? — Eu falo, no momento em que a agente desaparece.

— Não, ainda não. — Maloney parece distraído ao responder, como se estivesse pensando em algo profundo. Ele tem novas informações que não está disposto a compartilhar? É ruim?

— Você tem certeza? Você não ouviu nada do Detetive West?

— Sem notícias. — A resposta é fraca, e eu sei que ele está mentindo.

O pânico que me consumiu há pouco tempo se reconstrói. Minhas mãos tremem e aperto os dentes como se, ao fazê-lo, pudesse apertar qualquer esperança que tivesse no coração entre eles.

— Nós vamos encontrá-la. — Maloney fala mansamente.

— Você sabe ... você ... — não consigo encontrar as palavras.

— Pergunte-me qualquer coisa. Eu vou responder. Nenhuma besteira, eu prometo.

— Você tem filhos? — Maloney acena prontamente. — Casado? — Ele acena novamente.

— Você sabe quando você está em um shopping e você vira a cabeça apenas um momento, e depois que você faz o seu filho desaparece? — Ele balança a cabeça mais uma vez. — A sensação de pânico bruto que você experimenta instantaneamente tem sua mente conjurando todas as situações terríveis que podem acontecer se você não encontrar seu filho imediatamente. Você começa a gritar seu nome, e você corre, corre com toda a velocidade, como se fosse instintivo.

— Sim. Eu faço.

— Você está procurando, mas a cada segundo que passa é um segundo a menos e você não o encontra. — Faço uma pausa, pensando nas vezes em que Brax e Aleeha fizeram isso comigo no passado. — Então você vê um borrão de suas roupas, ou você ouve, sua voz minúscula em sua pressa, e o pânico aumentando sua adrenalina deixa você o mais rápido possível. As sirenes de perigo param de soar ruidosamente em sua cabeça, e você percebe que eles estavam seguros o tempo todo. Foi um brinquedo bobo ou um objeto brilhante que os chamou longe do seu lado em primeiro lugar.

— Mila, minha filha, ela fez isso comigo. — Maloney apresenta um sorriso compreensivo.

— É o pior sentimento.

— É o pior.

— Você caminha até o seu moleque, e cada parte de você quer sacudir a vida dele enquanto você grita como estava com medo direto no seu rosto inocente. Você precisa que seu filho compreenda o quão perigoso era deixar o seu lado, mas mesmo que isso seja o que você quer fazer, você não o faz. — Eu levanto meus braços, unindo meus dedos atrás da minha cabeça. — Em vez disso, você envolve seus

braços em torno de seu corpo sem culpa e os segura o mais firmemente que pode, pensando: *Graças a Deus, você está seguro*.

Maloney está concordando. — Geralmente é assim que as consequências acabam.

— Isso é o que eu estou esperando, Max. Estou esperando que o alívio chegue, para que ele possa abafar o pânico rodando dentro de mim. Eu preciso que essas sirenes explodindo na minha cabeça parem de soar. Neste momento, quero correr – gritar o nome de Morgan. Deixar o mundo me ver enquanto eu procuro por ela.

— Entendo. Eu faço.

— Se fosse sua esposa?

— Eu ficaria com medo. Não há dúvidas em minha mente.

— Quantos anos tem a sua filha? — Estou curioso, mas também tentando ganhar um nível de amizade com Maloney, vê-lo se abrir e me dar algumas informações para definir minhas incertezas à vontade.

— Ela tem três.

— Eu lembro da minha Aleeha sendo pequena assim.

— Mila é uma boa criança. — O canto de seus lábios puxa para cima até que ele esteja alegremente sorrindo. — Mas ela é uma bombinha atrevida como sua mãe é.

— As crianças são um trabalho duro, certo?

— Isso elas são. Graças a Deus eu saio para o trabalho e faço uma pausa de brincadeiras. Eu não tenho certeza de como minha esposa faz isso o dia todo e a noite.

— Morgan é uma mãe incrível.

— Assim é minha Sophia.

Há silêncio.

— Eu vou pegar esse fumo agora. — Eu suspiro. — Eu preciso de algo, qualquer coisa para tentar me manter calmo.

Maloney enfia a mão no bolso, retirando o pacote pela segunda vez. — Depois disso, Reid, você precisa tentar dormir um pouco. Mesmo que sejam apenas vinte minutos, isso ajudará.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu não consigo dormir. Acho que não posso até ter minha esposa em casa em segurança.

— Você não pode ficar acordado para sempre; seu corpo acabará se borrando... Confie em mim.

— Eu vou dormir quando minha esposa estiver em casa. É quando vou dormir. Não antes.

Os lírios de água branca balançam para cima e para baixo em uma lagoa pequena na frente de nós. Morgan faz uma breve pausa antes de levar o microfone à boca. — Reid, hoje você é meu para sempre, e isso me faz a garota mais feliz a andar na terra. Eles dizem que quando você encontra a coisa real, você não hesita em segurá-la em sua posse. Eu sabia desde o dia nos terrenos da universidade quando eu disse "Oi, eu sou Morgan", que eu me casaria com você. Eu realmente fiz. — Ela sorri amplamente. — Eu vou te amar por todos os dias da minha vida. Eu vou te abraçar nas suas horas mais sombrias. Honrar em tudo que você realiza e rir com você em cada grande marco. Nada será demais para nós lidarmos, pois sempre teremos um ao outro e encontraremos força quando os tempos difíceis nos procurarem. — Lágrimas brotam em seus olhos. — Seus lábios são meu lar, suas mãos são meu conforto e seu coração guia meu futuro. Hoje sou honrada e privilegiada por ser sua esposa. Mantenha-me segura, me mantenha aquecida e amada, Reid, isso é tudo que eu vou pedir de você, e em

troca, eu estarei ao seu lado, não importa o que aconteça. Você é meu tudo. Meu amigo. Meu amante. Meu agora marido. Meu Reid. — Suas mãos tremem quando ela agarra a grossa aliança de ouro entre as pontas dos dedos. — Eu, Morgan Amelia Cuttings, levo você, Reid Elis Banks, para ser ...

O som de uma porta se fechando faz com que eu pule. Onde estou? Por que as portas estão batendo?

— Reid. — É uma voz desconhecida, e por um momento eu estou confuso até me encontrar em pé em uma sala que me traz a sensação de paz.

Eu estou olhando para baixo em um piso de madeira. Estou calmo. Eu sei que estou sozinho, ainda esperando por alguém.

— Você está pronto, baby? — Suas mãos escovam minha cintura.

Eu sorrio em resposta.

— Você é comestível naquele terno, Sr. Banks."

Eu me viro rapidamente e respiro seu perfume de baunilha. Morgan é minha vida. É tudo que posso pensar quando meus olhos encontram os dela. — Estou pronto para te tirar do chão e mostrar a

esses palhaços como é que dançamos, baby.

Morgan sorri enquanto seus grandes olhos castanhos se enchem de intenção maliciosa. Eu posso lê-la como um livro. Eu nunca me senti tão perto de outra pessoa na minha vida.

— Você é minha Afrodite, Morgan. Beleza, prazer e procriação envoltos em um vestido de noiva branco; estou tão feliz que você tenha dito sim.

Uma doce risadinha desliza de sua boca enquanto meus braços a dobram desesperadamente, pressionando seu corpo contra o meu.

— Eu te amo, Morgan, — eu sussurro contra sua bochecha.

— Reid finalmente sucumbiu ao sono. Apenas deixe ele lá. Não adianta acordá-lo. — Aquela voz desconhecida retorna, e enquanto eu procuro pelo homem que é o proprietário disso, eu sinto Morgan deslizando para fora dos meus braços. O que está acontecendo?

O quarto em que tivemos nossa primeira dança fica escuro, e meu estômago revira com preocupação, e os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficam atentos.

— Venha comigo, — Morgan sussurra, e eu sou atraído para

seguir sua silhueta brilhante invadindo a escuridão.

Sinto o cheiro do sal do oceano antes de ver a água azul cristalina. Há uma leve brisa correndo sobre meu corpo enquanto uma cortina branca balança impedindo a vista do oceano.

— Adoro aqui em Barbados, Reid, e nunca quero ir para casa. Podemos ficar para sempre? — Morgan deita tranquilamente em meus braços. — Eu amo o som das ondas do mar batendo na praia. Como vou dormir quando voltarmos para casa sem esse som?

Deus, ela é linda. Eu não quero sair dela. Eu não quero ir para casa.

— Hmmm, — eu gemo. — Devemos ficar aqui para sempre. — Eu belisco gentilmente contra seu pescoço. — Eu te amo, Morgan.

— Eu também te amo. — Ela rola até que ela esteja empoleirada nos cotovelos. Seu olhar de adoração me fala de seu amor. — Eu te amo muito.

Eu não posso deixar de puxar Morgan para baixo em cima de mim e segurar o cabelo caindo sobre o rosto, colocando minhas mãos em suas bochechas. — A lua de mel pode estar quase acabando, Morgan,

mas eu não posso esperar para começar minha vida com você. Eu prometo que todos os dias serão assim.

Seu sorriso é um presente de Deus. Oh, esse sorriso dela é uma mistura de prazer, paz e paraíso.

Ring, ring.

É um som fraco.

Ring, ring.

Ele cresce mais alto.

Ring, ring.

— O que diabos está acontecendo? — Eu esfrego os olhos, tentando descobrir por que ouço tocar em nosso quarto de hotel, uma vez que pedimos especificamente que nenhum aparelho eletrônico fosse incluído.

— Aqui, pegue. — É uma voz de mulher.

Não é de Morgan.

— O quê? — Estou meio adormecido. Perdido.

— Pegue. Espere pelo meu sinal. — Um telefone está a um centímetro do meu nariz. — Reid, prepare-se para atender o telefone. Será ele.

— Quem?

— Reid. Você estava dormindo. Agora você está acordado. Sua esposa está desaparecida. O cara que a tem está chamando. Você precisa acordar, porra. — Maloney segura meu queixo em um aperto da morte enquanto olha nos meus olhos. — Reid, você precisa atender essa ligação. Morgan está desaparecida. Acorde.

Adormeci. Eu estava apenas sonhando. Eu não estou cercado de amor e felicidade. Eu estou vivendo um maldito pesadelo.

CAPÍTULO DOIS

Morgan

Eu sou leve, e eu sei que estou sendo carregada porque eu posso sentir o peito dele se expandindo e depois se esvaziando contra a minha bochecha. Eu também posso sentir o cheiro de suor misturado com algo que me lembra o polonês de sapato do meu avô. As pontas dos dedos dele estão apertando minhas costelas e minha coxa, e eu desesperadamente quero tirar suas mãos da minha pele, mas eu não posso mover meus braços ou abrir meus olhos.

Ele assobia. É a mesma melodia estranha que ouvi muitas vezes agora.

Onde ele está me levando?

— Oh, Red, você teve um dia difícil lá fora hoje, não é? — Ele tem um forte sotaque britânico.

Eu quero gritar, quem é você? Mas minha língua, como o resto de mim, parece paralisada.

— Tudo vai acabar logo. — Ele fala com tanta calma, e a pressão abaixo das minhas costelas e as pontas dos seus dedos ao meu lado desaparece. Meu corpo abaixa.

No começo, eu não posso colocar a sensação de frio subindo pelas minhas pernas, sobre o meu estômago, depois para os meus seios. Tudo que sei é que estou subitamente congelando. Salpicos inconsistentes seguem. *Água. Estou molhada*.

— Apenas mais algumas manchas para limpar, — diz ele, enquanto meus lábios começam a arder. — Eles estão muito chateados. — Suas palavras são atadas com satisfação. — Eu sei que você pode me ouvir agora, Red.

Minha cabeça recua e ouço o baque antes que a dor surda percorra meu crânio. Eu quero gritar, mas não consigo abrir a boca.

— Na próxima parte, vou deixar ao destino. Você vai se salvar ou não vai. Sua vida está descansando em seu desejo de viver. Você pode se mover, Red; você só tem que querer forte o suficiente.

Minha única resposta é o meu coração, bombeando duro e rápido no meu peito.

Há um rangido suave seguido pelo deslocamento de um trinco, e então a sensação de alguém perto de mim está perdida. *Eu estou sozinha?* Cada respiração que tomo é rápida e dura. *Mova-se, Morgan; você precisa se mover*. Mas eu não posso. Perigo iminente me aguarda. A ameaça da morte permanece no ar. Um formigamento de medo começa no meu pescoço e se arrasta ao longo da minha pele.

A água escorre pelas minhas bochechas e, sem aviso, eu recuo. *Eu me mexo. Eu posso me mover*. O gosto do sal se infiltrando entre meus lábios me alerta para minhas lágrimas fluindo. Estou chorando. Meus lábios se contorcem enquanto as lágrimas continuam a correr sobre eles, e quando tomo três longas respirações para me acalmar, consigo mexer meus dedos.

Mova-se, Morgan! Eu grito em minha mente enquanto continuo lutando contra o meu estado consciente e meus membros, que parecem pesados como pedra.

Esquerda. Direita. É apenas um movimento mínimo, mas eu balanço minha cabeça. Avisos urgentes soam no meu cérebro, me dizendo para parar porque eu não posso ver o que estou enfrentando. *Por que não posso abrir meus olhos?*

Eu deslizo. Estou escorregando. Eu tento pressionar minhas mãos para me impedir, mas não consigo.

Ajude-me! Paro abruptamente.

Não respire, não respire, não respire. Eu ouço este canto enquanto luto contra os meus músculos, que doem intensamente. Meu rosto fica tão frio e úmido quanto o resto do meu corpo.

Minha cabeça está embaixo d'água.

Eu abro meus olhos com facilidade como se eu fosse capaz de fazer isso o tempo todo. *O que está acontecendo comigo?* O marrom sujo preenche minha visão e nessa coloração marrom, deriva pequenas bolhas claras, bolhas que se assemelham àquelas criadas pelo ar expelido, o ar que reconheço está escapando pelos meus lábios agora pressionados.

Eu estou me afogando. *MOVA!*

Na minha cabeça, eu estou debatendo meus membros, mas na verdade eu mal me movo. Estou ficando sem oxigênio. Eu sei disso porque meu desespero de reclamar é frenético.

— Querida, papai está aqui. Estou aqui. Você é forte. Você pode

fazer isso, Morgan. Mostre-me. Encontre a superfície. — Eu ouço a voz do meu pai como se seus lábios pressionassem contra o meu ouvido. — *Pegue minha mão*.

Estou chegando e procurando por seu aperto.

— *Minha mão está mais alta, Morgan; você precisa se alongar mais*.

Eu consigo. Enrolando meus dedos, agarro-me em algo duro, e com um grito alto explodindo através da minha boca aberta, eu me puxo para cima até que eu fico pendurada, flácida, ao lado de uma estrutura estável. Solto um suspiro que me deixa tossindo e meu torso se sacode quando a água sai em um vômito da minha boca.

Cada ar que eu respiro arde quando eu gemo, — Puta merda. — Eu ofego quando vejo o piso de concreto embaixo, e a necessidade de me levantar dessa água se torna forte... mas estou fraca a ponto de que levantar meus membros se torne impossível.

Apenas continue alcançando, digo a mim mesma, enquanto estendo meus braços e grunho meu desespero, caminhando meus dedos pelo chão abaixo. *Você pode fazer isso, Morgan*. Pressionando minhas palmas para baixo traz consigo a suspeita de que estou sendo

derrubada, e sem um segundo para contemplar o que está acontecendo, meu corpo bate duro no chão. — Foda-se, — eu lamento, enrolando-me em uma bola apertada. *Proteção*.

Eu tremo.

Estou nua.

Está frio.

O choramingar macio cresce alto e mais forçado até que meu nariz fique bloqueado e eu sou alertada para o fato de que eu sou a única uivando. Meu cabelo molhado envolve meu rosto, e entre as lacunas que está criando, e através das lágrimas em meus olhos, eu posso localizar uma parede de cor prata.

A sala. O lobo me trouxe de volta para sua prisão.

Me arrasto na minha bunda até minha espinha pressionar contra a parede, e eu coloco meus joelhos no meu peito. Descanso meu queixo nos meus joelhos e envolvo meus braços em volta das minhas canelas.

O que …?

Eu escovo meus dedos através da linha grossa, enfiada onde meus cortes uma vez abertos estavam em minhas canelas. Deslizar meus pés pelo concreto tem minhas pernas estendidas, e eu suspiro quando vejo os pontos agora fechando a minha lesão anterior. *O lobo me costurou. Por quê?* Não é vingança o ponto de seu jogo e me causar dor e morte?

É então me lembro dele me colocando na água e lavando meus lábios. Eu sou urgente em inspecionar cada centímetro do meu corpo. Fico apavorada quando vejo as profundas contusões roxas, cortes, escoriações e erupções cutâneas me cobrindo. As cinco palavras, de um a cinco, que estão tatuadas no meu braço permanecem, só que agora há um risco através do '*um*' de preto.

Lentamente, trago meus joelhos para trás para encontrar meu peito e envolvo minhas mãos em torno de cada tornozelo. Eu chicoteio minha cabeça para a esquerda e para a direita, procurando, imaginando se o lobo está em algum lugar aqui, se escondendo, esperando para atacar. Eu paro em um olhar quando eu localizo uma banheira, que não há muito tempo quase reivindicou minha vida. Por quê? Por que ele iria me consertar, me limpar? Por que ele ofereceu cuidado?

Leva algum tempo para se concentrar no resto do meu ambiente. Não há mais uma maca ou uma mesa cheia de papéis em branco. A

torneira enferrujada que pingava também desapareceu, assim como o tambor que tinha a mochila no topo. A única coisa na sala é a banheira e um saco de lixo amarrado no chão, perto de onde a tela de projeção em branco está pendurada na parede oposta.

— Onde está você? Vá em frente, mostre-se. Eu sei que você pode me ver. — Eu tento gritar as palavras, mas elas estão abaladas e roucas.

Ele aparecerá na tela de projeção, armado com insultos vulgares e olhos frios vagos? Para minha surpresa ele não apareceu, mas eu não mudei minha visão da tela. *Onde ele está?* Eu sei que ele vai estar assistindo cada movimento meu. Eu pisco e depois olho até que meus olhos ardem, e eu pisco mais uma vez. Eu faço isso mais e mais. A tela permanece em branco. Onde está o lobo? É esta a minha chance de encontrar uma saída? É esta a minha chance de escapar? Mas como? Ainda não há porta. Como pode não haver nenhuma porta? Como é que ele entra e sai daqui?

CAPÍTULO TRÊS

Reid

A Detetive Dyson segura a mão no bocal do segundo telefone sem fio e passa o dedo acima do botão *Aceitar*. — Vá, — ela fala

— É Reid falando, — eu respondo, preparando-me para o pior.

— Acho que você está sentindo falta de algo mais do que sua esposa. Isso seria correto? — Ele ainda fala com o mesmo sotaque britânico.

Os olhos de Dyson estão arregalados quando ela balança a cabeça de um jeito que me alerta para não falar.

— Notas verdes nítidas, embrulhadas em papel-toalha... estou supondo que o envoltório foi seu?

— O dinheiro, — eu rosno.

— Bingo. Cinquenta mil dólares é uma quantia considerável para guardar em uma sacola esportiva em seu cofre. Aposto que aqueles

Bizzies[1] lhe deram um dia difícil. Você pode me agradecer por essa dica. Esses tiras não são nada mais do que fantoches sem cérebro nas cordas.

Dyson está girando os dedos em círculos enquanto ela fala, — *Mantenha-o falando*.

— Como é que entrou? Como você sabia onde estava o dinheiro? Ou que eu até retirei essa quantia?

— Levar as coisas que você quer não é difícil. Faça-me um favor, diga àquela cadela detetive para pendurar a outra linha ou foderemos sua esposa tão mal que você não será capaz de reconhecê-la quando eu a enviar de volta para você em sacos de lixo. — Ele está estranhamente calmo.

Eu engulo em seco quando meus olhos saltam da minha cabeça. Esse filho da puta é insano.

Dyson coloca o telefone sem fio sobre a almofada do sofá e ergue as mãos, palmas para fora, no ar.

— Está feito. — Minha voz treme.

[1] Gíria para policial.

— Detetive Astin West? Agora ele pode ouvir. Não ela. Ela precisa sair do quarto. Diga a ela para sair da sala agora.

— Ele quer que você saia da sala, — digo roboticamente, medindo a reação da Detetive Dyson.

Ela só balança a cabeça.

— Ela não pode. — Eu não posso acreditar que acabei de admitir isso em voz alta para o homem que tem minha esposa. *Cumpra seus pedidos, não os negue*.

— Bem, nesse caso, deixe-me pegar sua pequena dama, e eu vou matá-la enquanto você está ouvindo.

— Ele vai matar Morgan se você não fizer. — Meu tom atado com pânico.

Os olhos da Detetive Dyson se estreitam quando ela diz: — *Estou indo*.

— Não. Não. A Detetive Dyson está saindo. Não machuque Morgan. — Meu pânico está entrelaçado com essas palavras.

Dyson tira sua arma do coldre em volta de sua cintura. Ela desce

para o chão e rasteja a curta distância da sala de estar para a entrada.

— Ela está fora do quarto. Eu juro. — Eu olho para Maloney, que fala, — *Mantenha ele falando.*

— Diga olá ao Max para mim, sim?

Ele pode nos ver? Ele deve poder nos ver. Eu não passo sua saudação.

— Eu seguiria minhas instruções. Eu tenho Morgan. Eu tenho seu dinheiro. Eu até tenho uma coleção de suas fotos e filmes caseiros também… eu vou destruir tudo isso.

— Ele diz 'Oi, Max'. — Eu falo rápido, meu coração batendo tão rápido quanto Tarzan bate em seu peito.

Os olhos de Maloney se estreitam em uma carranca.

— Bom. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz.

A linha morre.

Lentamente, deixo o telefone sem fio cair no chão e levanto as mãos, segurando meu rosto. — Filho da puta.

— Merda. — Eu ouço Maloney dizer. — Estou chamando Astin.

Thump, thump, thump, thump, thump.

Pés urgentes batiam contra a escada. Maloney agarra meu braço, me puxando com ele atrás do sofá. — Fique abaixado. Não faça um som, — ele sussurra.

Eu vejo como Dyson executa um teste do exército, que a vê de volta na sala de estar e lutando por trás da pequena parede que existe antes da abertura. Ela se ajoelha com a arma desembainhada. Ele está na casa? O medo começa do abismo do meu estômago até a parte de trás da minha garganta apertada.

— O que está acontecendo? O que há com todos os gritos? — É Ronald gritando.

Eu exalo com alívio.

— Onde você está? — Ronald grita.

— Sala de estar, — responde Maloney.

Ronald está na porta vestindo a mesma camiseta branca de algodão e shorts de algodão que eu o vi antes de se retirar para a cama.

Sua cabeça está inclinada para o lado enquanto ele coça a parte lisa de sua cabeça. — O que aconteceu?

— Outro telefonema. — Eu estou de pé para que ele possa me ver tão claramente quanto eu posso vê-lo.

— Morgan está bem?

— Eu não sei. — Eu balancei minha cabeça porque eu não tenho ideia se ela é ou não é. Seu sequestrador não me deixa falar com ela. Ele apenas faz referências.

Ronald joga os braços para baixo e bate-os simultaneamente contra as pernas externas. — Eu já tive o suficiente. Eu estou saindo para procurar por Morgan. Eu mal dormi uma piscadela. Eu não posso continuar deitado enquanto meu bebê está lá fora. Minha filha precisa de mim. — Ele se vira afiado nos calcanhares.

— Pare, Sr. Cuttings. Não vai conseguir nada. — Dyson estende a mão e abaixa para o ombro de Ronald. — Sente-se. Estou ligando para o Detetive West.

— Vocês, porcos, encontraram alguma pista ainda, ou esse lunático está controlando tudo o que está acontecendo? Porque de

onde estou sentado você não tem a menor ideia do que está fazendo e parecem um bando de bandidos sangrentos com a cabeça decepada. — A aparência sonolenta de Ronald desaparece com sua explosão, seus membros agora tensos. Seus bíceps estão inchados e seu rosto fica vermelho.

— Você está louco pela posição em que está. Entendemos por que você está assim, mas isso não vai ajudar. — Maloney, a voz da razão. — Vamos fazer o nosso trabalho.

— Um macaco treinado poderia fazer melhor. Eu vou encontrar minha filha, e você terá que me matar para me impedir.

Punhos balançam do dedo de Maloney em um breve segundo. — Você quer usar estes?

Ronald sacode a cabeça enquanto tropeça no sofá e cai no que eu só posso imaginar é desamparo, a mesma sensação constantemente me atormentando.

O relógio da cozinha é 1:30 da manhã e, enquanto vejo o ponteiro dos segundos circulando o mostrador do relógio, escuto o telefonema que atendi no laptop que Dyson tocava, pouco antes de o Detetive West finalmente mostrar seu rosto. West está sentado colado a este equipamento como se estivesse estudando a maneira como começa desde que chegou, vinte minutos depois que a ligação foi recebida. Seis vezes até o momento, West atendeu e, assim que termina, ele começa de novo. Na maior parte das vezes, ele faz uma pausa, rebobina e repete o processo até o fim. Não dessa vez. Um pequeno segmento parece ter chamado sua atenção; eu entendo isso porque ele avança rapidamente e só rebobina depois que esse trecho toca. Por que ele está fazendo isso?

— Bebida? — Ronald diz de passagem.

— Eu estou bem. — Eu mudo no meu lugar até encontrar seus olhos tristes.

— Kylee ainda não parou de chorar desde que desceu e subiu as escadas. Eu não sei o que dizer a ela.

— Diga a ela que Morgan ficará bem. — Faço uma pausa, tentando me convencer de que essa é a verdade. — Nós temos que

acreditar que ela estará. Nós não podemos desistir dela.

— Ela é uma lutadora, — diz Ronald enquanto se afasta de mim. Há uma longa pausa antes de ouvir água corrente. — Então, essa pessoa pegou o dinheiro? — ele grita da cozinha.

É o que eu disse a Ronald várias vezes, mas ele continua perguntando.

— Sim. É o que o psicopata disse. — Eu ouço meu aborrecimento.

— Ele está nesta casa.

— Sim. Parece que sim.

— Merda! Com quem estamos lidando aqui? — O aborrecimento de Ronald agora é aparente. — Um fodido psicopata que quando eu o encontrar, terá o seu ...

— Ssssh, — diz West.

Voltando minha atenção para seu rosto carrancudo, eu deixo cair meus ombros e boca, — *Desculpa*.

— Vou levar este copo de água para Kylee e voltarei a descer assim que a instalar. — A mão de Ronald toca meu ombro ao passar.

— Ok, — eu sussurro, tentando não irritar mais West.

— Eu preciso de silêncio. — West resmunga.

— Entendido. — Ronald desaparece pelas escadas.

West faz a ligação desde o começo mais uma vez. Ele de repente levanta a cabeça e o clipe para. — Você ouviu isso? — West olha para Maloney e, em seguida, Dyson que se sentam em ambos os lados dele.

— O quê? — Os olhos de Maloney se arregalam.

West pressiona alguns botões e depois repete esse segmento novamente. — *Eu até tenho uma coleção de suas fotos e filmes caseiros também*. — O clipe para.

— Lá, — diz West com satisfação ao seu tom. — Ele não é britânico. Ele é australiano. O sotaque é um disfarce. Ouça. — Ele repete novamente e para depois da palavra *fotos*. — Ele se saiu bem com o sotaque, mas para mim é uma pronúncia australiana dessa linha, com ênfase em fotos... agora ouça a palavra *filmes*. — Ele toca a próxima parte. — Veja.

— Puta merda. — O queixo de Maloney cai. — Não é um dispositivo que ele está usando neste momento; é ele.

— Eu não ouvi até que você acabou de apontar, — confirma Dyson.

— Precisamos encaminhar isso para nossos técnicos vocais em Brisbane, mas tenho certeza de que isso é uma tentativa de se disfarçar. — West está mais do que confiante. Seu peito está estufado, sua postura firme e imponente.

— Excelente, Astin. — Dyson sorri.

— Leroy costumava atuar antes de se juntar à força. Eu sei que ele deveria estar indo para as férias hoje, mas se me lembro, eu acredito que ele disse que não vai sair até o final desta tarde... se você quiser que ele venha ouvir. — Maloney faz uma pausa. — Nós dois sabemos que os técnicos em Brisbane estão sempre nevando. Eles não vão conseguir esse trabalho imediatamente. — Maloney muda de pé para pé. — Ele poderia nos ajudar nesse meio tempo. Você sabe, tenho certeza.

— Leroy? — West engata uma sobrancelha, fazendo com que as linhas ao redor de seus olhos se enruguem.

— Sim. Agente Stratt.

— Boa decisão. Max, pegue-o no telefone e traga-o aqui, — diz West.

— Ok, — Maloney está na mesa. Ele dá um longo passo na direção da sala de estar de Morgan antes de se virar pelo corredor e não está mais na minha frente.

— Por que isso importa? — Eu digo, confuso.

— Perdão? — Os olhos cinzentos de West se conectam com os meus.

— Eu mantive ele na linha. Você sabe onde ele está agora. A pista. — Meus ombros se encolhem... Estou tão tenso.

— Nós não temos uma pista ainda. Reid, esta é uma cidade rural; nós não temos esse tipo de tecnologia aqui. Brisbane precisa definir o rastreamento e esperamos que ele seja colocado em prática. Toda a fita vermelha a ser cortada. Pode levar até setenta e duas horas. No entanto, agora podemos registrar a evidência dessas chamadas, caso precisemos delas no tribunal.

Eu bato meu punho com força na mesa. — Não temos setenta e duas horas. Você ouviu a aberração; você ouviu o que ele tem, o que

ele disse. Ele é insano. Morgan estará morta até lá.

— Reid, os técnicos têm o dispositivo de gravação ligado ao seu telefone; nós estamos chegando lá. Esses processos levam mais tempo quando você mora em cidades menores como esta.

— Isso é besteira. — A cadeira em que eu estava sentado caiu no chão depois que eu me lancei dela. — Não! Agora! Você precisa fazer isso agora.

West olha fixamente para mim. Não há emoção em seus olhos. — Você tem que confiar em mim.

— Eu não confio em ninguém. Alguém esteve em minha casa, no meu escritório, e alguém raptou minha esposa. Ele está jogando jogos com a gente. Ele tem razão, você sabe. Tiras não são nada além de fantoches nas cordas.

CAPÍTULO QUATRO

Reid

São necessárias três tentativas para encontrar meus pés, mas com a ajuda de uma parede, consigo me levantar. Balançando a cabeça cautelosamente de um lado para o outro, eu examino a sala por qualquer saída. Eu não vejo uma. Esquerda, direita, para cima e para baixo – continuo a procurar pistas, qualquer coisa que me ajude a encontrar a liberdade. Tem que haver uma saída daqui. Se ele pode entrar, eu posso sair.

Eu manejo o pequeno espaço da prisão. Eu raspo minhas mãos freneticamente ao longo das paredes, pressionando contra cada um dos blocos prata quando eu chego até eles. Minha esperança é que não seja como parece, e isso levará a uma porta secreta e minha fuga. Até agora, cada um é exatamente o que parece – um sólido bloco de concreto.

Quando chego para ficar nos blocos prateados atrás da banheira, onde minha cabeça uma vez se deitou sobre o que parece ser um calço

de madeira, eu contemplo a possibilidade de beber um pouco da água mesmo que as folhas flutuem em cima. A coloração é um outono marrom. Muita sujeira e sangue contaminam sua pureza. Minha sede é voraz, tão intensa que minha necessidade agora supera o desgosto. É uma abordagem hesitante, mas quando chego ao lado e me inclino para baixo, levando a beirada da banheira para o apoio, já estou saboreando a ideia de saciar a minha sede. Debruçada sobre o lado, corro os dedos da mão direita pelo líquido gelado. Eu preciso beber. Segurando minha palma, eu abaixei minha boca.

— Não beba a água, Red. — Sua voz soa.

Eu sacudo, assustada.

— Sente-se. — Seu tom é confiante e controlado.

Eu faço. Minha bunda nua descansa contra o concreto úmido e frio. Eu coloco minhas pernas para o lado e cubro meus seios expostos com as mãos, mantendo meus olhos virados para baixo para os meus joelhos.

— Você conseguiu sair. Eu não deveria estar surpreso; você sempre foi teimosa.

Eu não conheço esse sotaque britânico, mas eu o conheço pelo que ele compartilhou. Como? Como eu o conheço?

— Você viu o saco de lixo que eu deixei para você, Red?

Eu balanço minha cabeça, não me atrevo a olhar para a tela de projeção. Eu não quero ver o homem por trás da tela.

— Vá e pegue.

Eu me inclino para frente e tomo meu peso através de minhas mãos e joelhos, fazendo uma careta de dor, ofegando entre os dentes para evitar os gritos que querem explodir entre os meus lábios. A raiva queima em mim como betume quente sob os pés descalços no meio do verão, e eu lanço meu queixo para trás. Eu rosno quando o vejo coberto pela máscara preta. Eu suspiro quando olho em seus olhos verdes. Eu choro quando noto a cicatriz grossa que agora invade seu lábio superior.

Ele ri. É uma risada ameaçadora. — O que há de errado, Red? Você estava esperando outra pessoa? — Seu olhar me arrepia, como uma névoa fria envolvendo-se ao redor do meu corpo, escoando através da minha pele até que ela se encaixa no meu coração. — Eu não posso exatamente fazer isso fácil para você agora, posso?

Seus olhos não são mais azuis; eles são verdes. Por que eles são verdes?

Eu abaixei minha cabeça. O lobo está jogando. Ele gosta de jogar jogos. Estou sendo confrontado com um homem que gosta de brincar de se vestir? Ou eu estou contra mais de um lobo? Eu me recuso a acreditar que há mais de um dele me torturando. Recuso-me a aceitar que ele tenha um cúmplice. Por que duas pessoas seriam tão cruéis, tão malévolas e queriam retorno financeiro? Como eu poderia ter irritado mais de uma pessoa?

Os pelos da minha nuca subiram. Minha pele está coberta de arrepios e meu coração está bombeando excessivamente no meu peito, do jeito que ele faz quando está perto. O lobo tem que ser um solitário. Ele está trabalhando sozinho, não é?

"Você vai pagar pelo que fez." É o que ele disse. Eu levanto minha cabeça e olho em seus olhos verdes opacos. Eu os pesquiso, imaginando se esse tom é real ou uma ilusão. Isso é parte do seu próximo truque?

Eu não vou deixá-lo me enganar novamente. Ontem, o lobo me fez chamar Reid de sequestrador. Eu acredito que ele queria ver se eu

poderia ou iria nomear Reid para ser um monstro, e ele conseguiu, porque eu fiz. Outra armadilha, e eu me apaixonei por ela como um rato que persegue o queijo com isca. Ele me preparou para responder da maneira que eu fiz. A fotografia na caverna. A cor azul dos olhos dele. A forma perfeita de seus lábios. O lobo está usando muitos disfarces, mas qual deles possui sua verdadeira identidade? Eu preciso descobrir isso rápido.

— Quem sou eu, Red?

— Um babaca. — É uma libertação do meu peito.

— Quem sou eu, Red?

— Um monstro. — Estou brava.

Ele interveio. — Quem sou eu, Red?

— Uma ovelha.

— Quem sou eu, Red?

Desta vez, faço uma pausa. Eu permito que toda a raiva dentro de mim cresça até que eu saiba que estou expressando todo o ódio que eu tenho por meu sequestrador aos meus olhos. — Um homem morto.

Eu nem sequer pisco.

Seus lábios se curvam para cima e então ele ri. — Você está pronta para jogar de novo?

— Eu nasci pronta. — A força é a chave para vencer. Eu preciso mostrar a ele meu poder, e não a vulnerabilidade que vaza de mim.

— Bem, pegue a bolsa e se vista, porque hoje será o seu último.

— Ou o seu último. Eu também posso jogar jogos. — Estou com raiva.

— Agora este é um lado seu, eu já vi antes. Eu não achei que você tivesse mais em você.

— Ah. — Eu o vejo sem uma única pista sobre quem é que me tem. — E agora eu sei quem você é. Gostaria de me fazer sua pergunta novamente?

Ele parece chocado com meu aviso porque seu sorriso presunçoso desaparece quando seus olhos se arregalam, tão largos que não consigo mais ver seus longos cílios abaixo da máscara.

— Bem. Me pergunte de novo?

— Você não tem ideia de quem eu sou. — Eu forço um sorriso. — Se vista, — ele grita, então a tela de projeção fica vazia.

Rastejando na direção de onde sua imagem estava, eu me pergunto se ele está preocupado com a possibilidade de eu ter descoberto sua identidade como reivindicada, ou se ele chamou meu blefe com facilidade. Eu não tenho ideia de quem é o lobo, mas eu precisava tentar algo para chacoalhá-lo. Preciso de tempo para descobrir as identidades do lobo, ou possivelmente dos lobos, mesmo que uma pequena voz na parte de trás da minha cabeça continue sussurrando: '*Quem se importa com quem ele é? Ele vai te matar, independentemente de você estar certa ou errada. Apenas encontre uma maneira de escapar dele.*' Posso escapar dele?

Pegando o saco de lixo, arrasto pelo chão até chegar ao canto da sala. Eu torço lentamente, pressionando minhas costas contra a fundação e fecho meus olhos. Uma respiração superficial é tudo o que consigo fazer enquanto procuro levantar a bolsa.

Ting.

O que foi aquele barulho? Meus olhos se abrem.

— Puta merda! — Eu digo baixinho, virando os olhos para baixo.

Eu imediatamente deixo cair o saco de lixo. *O lobo* fez merda; ele com certeza fez. Eu tenho uma arma e não hesitarei em usá-la.

CAPÍTULO CINCO

O lobo

Eu ando entre a cama e a televisão, montada não longe do fim. Morgan não tem a mínima ideia de quem eu sou. A cadela está tentando irritar-me, e eu não vou deixá-la ficar debaixo da minha pele. Na ocasião, eu permiti que ela fizesse isso... puta. Linhas de batom vermelho, batom de propriedade de Daisy Malone, marcam minha parede com nomes. Eu persigo esta lista de cadelas antes de colocar minhas duas mãos em ambos os lados.

A raiva fermenta dentro de mim. Eu balanço minha perna e solto um uivo primitivo.

Bang!

Um poderoso chute faz o reboco rachar, e meu pé afunda em um buraco que eu criei no gesso.

— Merda, — eu rosno quando torço meu tornozelo e rasgo meu pé para trás. Eu bufo quando me abaixo para recuperar meu sapato

deixado para trás.

Treze escórias inúteis e Morgan é a que mais odeio. Ela é o diabo disfarçado em roupas de anjo. Ela é a última peça de fruta deixada para moldar em uma tigela de frutas descartada. Morgan Banks é uma tempestade determinada a destruir todas as vidas que surgem em seu caminho. Eu quero ela morta.

Sentado na minha cama, mantenho meus olhos plantados em minha lista enquanto desfaço os laços da minha bota para que eu possa colocá-la de volta.

~~Daisy Malone~~

~~Cheryl Riddell~~

~~Donna Martin~~

~~Sarah Pilcher~~

~~Christina Monroe~~

~~Elizabeth Shanks~~

~~Lillian Catcher~~

~~Alethia Warren~~

~~Stacey Seymore-Beth~~

~~Octavia Legend~~

~~Anastasia Daughtry~~

~~Katy Hodges~~

Morgan Banks

Meus troféus. Morgan é a única que eu ainda não terminei. Cada matança é calculada e executada com perfeição. Cada morte usada como prática para este momento, a que eu estive esperando nos últimos cinco anos. Eu nunca me senti tão vivo quanto quando vejo a vida escorrer dos olhos de uma mulher. Está tudo nos olhos. A maneira como eles se abrem devido a um choque que eles nunca experimentaram antes. A maneira como eles imploram. As lágrimas que mancham a pele macia em torno de seus cílios. Olhos procuram por ajuda e imploram por misericórdia, mas então um vislumbre de

briga alarga a íris antes que a rendição se aproxime, encolhendo-os ... a morte é finalmente aceita.

Essa sequência nunca me deixa. Este momento final toma conta do meu corpo e traz imortalidade. Eu me sinto forte, tão dominante que eu poderia levantar montanhas, criar ondas gigantes e produzir tempestades catastróficas sobre meros mortais. Eu me torno um deus.

A sede que cresce a ponto de ficar insuportável quando meu jogo se desenrola é automaticamente apagada quando essas cadelas não respiram mais. E depois que meu batimento cardíaco diminui, e eu recupero o fôlego, sento-me em silêncio na natureza, cortando as pontas dos dedos dessas mulheres que me trouxeram dor. Eu relaxo ao ponto de me sentir leve ... É uma calma meditativa. O toque de uma mulher é tudo o que ela realmente possui em sua vida, e é a última coisa que preciso fazer antes de me preparar para caçar novamente.

Mas mesmo que não haja nomes na minha lista, sei que não acabou. Eu não vou conseguir parar depois que eu pegar a vida de Morgan, como eu prometi a mim mesmo que eu faria, porque eu estou sempre faminto pela imortalidade, e eu estou sempre precisando da caça.

Morgan não parece mais como a boneca quebrada que ela parecia da última vez que a tranquei nesta sala. Ela ainda está machucada, roçada, cortada, machucada e machucada, mas agora está limpa dos elementos que pediam carona nas extremidades e do sangue seco que manchava sua pele.

A cor vermelha sempre foi tão boa contra a pele pálida de Morgan. É uma que ela costuma usar ao longo dos anos. Observo enquanto ela anda mancando ao redor da sala com a calcinha e o top branco apertado que eu troquei com a roupa dela, e quando eu faço, eu exalo minha satisfação. Cada uma das minhas jogadoras, a partir da minha primeira presa, usou esse uniforme para a morte. Elas precisam saber que são minha propriedade, e essa é a razão pela qual “Propriedade do Lobo” está no topo de cada top, escrito na cor vermelha.

Meu plano de jogo é impecável.

A mochila que montei para a Morgan agora está fora do saco de lixo e está no meio do chão. Estou intrigado com isso porque todas as outras jogadoras que ficaram onde Morgan está agora agarram esta bolsa como se a vida delas dependesse disso. Não Morgan, embora.

O que ela está fazendo?

Sua bunda se torna minha visão quando ela se inclina na banheira. Eu mudo a câmera diretamente para o lado oposto da sala para encontrar Morgan sorvendo de sua mão em concha. Sua sede deve ser extrema para beber tal sujeira. Ela é a primeira das minhas Reds a fazer isso.

O relógio em volta do meu pulso começa a soar no horário marcado às 2:45 da manhã. É hora do próximo teste de Morgan. Apenas três jogadoras conseguiram chegar até o anoitecer, e espero que o Morgan consiga chegar em quarto, mas não estou esperando; não depois de inspecioná-la esta manhã. Ela está bastante danificada.

Ela vai cair. Ela vai gritar. Ela terá que navegar no escuro.

O retorno pode ser uma cadela.

CAPÍTULO SEIS

Morgan

A água tem um gosto metálico e terroso enquanto eu sorvo das minhas mãos em concha – uma distração necessária. Eu sei que *o lobo* está me observando e eu preciso encontrar um lugar para esconder o par de tesouras cirúrgicas de cabo longo que eu estou tentando não esfaquear meu lábio enquanto eu as protejo em minhas palmas contra meus lábios. Onde eu as coloco? Como faço para tirá-las daqui sem ele ver?

A roupa que deixou para eu me vestir tem pouco espaço para esconder meu achado, e tentar levá-las para dentro do saco plástico, ou a mochila será difícil se seus olhos estiverem focados em minhas ações. Ele está sempre me observando. Isso foi o que ele disse. Minha mente está confusa, meu coração bombeia dolorosamente e, enquanto fico debruçada sobre a banheira, começo a tremer.

Escuto um ruído.

Um som parecido com o de uma velha corrente enferrujada sendo

sacudida vem de baixo. *É ele*. Eu torço desajeitadamente e corro através da sala para cobrir o espaço e rápido. Meu corpo espancado consegue ficar em pé até eu cair no concreto frio em frente à mochila. A única chance de descartar a tesoura é agora.

Eu rasgo o zíper e despejo a tesoura dentro, certificando-me de juntar as duas peças de material no meu punho trêmulo. *Morgan. Acalme-se. Feche a bolsa.* Não tenho certeza se isso se deve às minhas mãos molhadas ou ao susto em todas as partes do meu corpo, mas a selagem da bolsa é difícil.

Vamos, Morgan. Junte tudo. Você consegue fazer isso.

Ouço um estrondo.

Guincho.

Deixo cair a cabeça e os ombros e uso meu cabelo agora úmido como um escudo. *Por favor, faça*. Estou petrificada. Com meus dentes cerrados e minha determinação atingindo o tom febril, eu ouço o zíper deslizando através de seus trilhos até que não o ouço mais.

Baque!

Um, dois passos e depois há silêncio.

Eu pulo quando a pressão se aplica à ponta do meu ombro.

— O que você está fazendo, Red? — A sala se enche com o cheiro de chiclete, e meu estômago ronca instantaneamente.

Ele está aqui no quarto comigo. Ele entra abaixo do chão, mas como? O piso é concreto. Isso é impossível.

— Morgan. — Ele me belisca.

Eu pulo. — Nada, — eu choramingo.

— Hora de ir. Levante-se. — Não há mais sotaque Britânico; ele fala como ele fez na noite em que ele me levou. Minha cabeça é puxada pelo meu cabelo e eu grito. — Olhe para mim.

Eu faço, apenas para ser confrontada com os mesmos olhos verdes que vi através da tela de projeção. O que isto significa? Por que os olhos dele não são azuis? Para onde foi o sotaque? — Eu não entendo.

— Você não deveria entender, Red. Esse é o ponto. — Seus lábios franzem. — Eu pensei que você soubesse quem eu era?

— Eu… eu… eu… faço. Eu sei… sei… quem… eu sou n… não… não,

— eu gaguejo.

— Besteira. — Ele ri. — Você está pronta para me matar agora? — Ele puxa meu cabelo com mais força.

— Sim. — É quase inaudível.

— Está bem, então. Vamos começar? Afinal, é o seu funeral.

Eu não quero jogar. Eu quero ir para casa, e agora me arrependo de colocar aquelas tesouras na mochila e não as manter na minha mão onde eu poderia usá-las para mergulhar profundamente em seu pescoço estúpido.

Eu estou na ponta dos pés que mal tocam o chão. O lobo me ergueu pelo meu braço no ar, como uma boneca de pano sem peso. — Contra a parede, — ele comanda.

Eu quero chutar, morder, arranhar, socar e quebrar esse homem, mas não posso. Meu corpo está fraco, e não tenho certeza do que a minha mente está fazendo. Eu vou entre me sentir heroica e vulnerável, como um ioiô.

— Eu quero suas mãos contra a parede, pernas abertas. — Ele entrega suas instruções com uma calma misteriosa. — Eu vou deixar o

seu braço ir agora.

Ele solta seu aperto imediatamente e eu caio em uma confusão no chão. Eu não conseguia nem ficar em pé.

— Red, eu não tenho o dia todo. Lugares para estar, pessoas para ver e toda essa merda. Não me faça te jogar contra isso.

— Estou tentando, — eu grito, passando meus dedos pelo concreto para a mochila ainda sentada onde caiu do meu alcance quando ele me arrancou do chão. Eu não posso alcançá-la.

— Um... dois... três... quatro. Se eu chegar a dez, vou te estrangular onde você está sentada.

— Estou me movendo, — grito arqueando as costas e me posicionando de joelhos e mãos.

— Mais rápido, — ele diz.

Toda vez que meus joelhos pressionam o chão, eu grito. Toda vez que eu estico minha mão para avançar uma vez mais, eu choro. — Arrrrrrrgh. Por quê? Por quê? — É uma libertação forçada e dolorosa da minha língua.

— Você está agitando sua bunda no ar como uma prostituta sem valor, e ... — Ele para de falar.

Golpe. Meu cóccix parece ter sido empurrado pela minha coluna vertebral, vindo parar como um furtivo na parte de trás do meu pescoço. Minha respiração fica presa na minha garganta e meu estômago convulsiona até vomitar, a bílis caindo no meu cabelo e espalhando na minha frente.

— E eu acabei de te limpar. Que perda de tempo.

— Apenas me mate. — Estou imóvel enquanto gemo.

— Dramática? Agora, esta é a Morgan que eu conheço. — Eu juro que se eu pudesse ver seu rosto, seus olhos estariam rolando, a julgar pelo seu tom. — Levante-se, sua puta. — Ele me puxa do chão. Eu grito quando meu corpo bate com força nos blocos.

— Tire a minha vida, seu filho da puta, — eu gemo enquanto sou segurada no lugar por sua mão musculosa nas minhas costas.

— Você tem problemas com ordens, Red, — diz ele, reposicionando meus membros. Meus braços agora estão erguidos acima da minha cabeça, e minhas pernas abertas, chutadas pelas botas.

— Lá. Agora você está submetida como eu preciso que você seja.

Não tenho certeza de como consigo me manter em pé e em posição, mas faço isso. Todos os gemidos através dos lábios entreabertos explicam minha agonia e fala do horror que estou experimentando nas mãos do lobo, que agora estão vagando pelo meu corpo ... me revistando. Tudo o que ele precisa dizer é, 'Você está presa, porque você é uma garota muito ruim,' pois suas ações fazem sentido. A única vez que eu já estive nessa posição foi na noite da minha despedida de solteira com o stripper que a Linda contratou para o evento. Eu vi um vislumbre do stripper quando ele chegou, e ouvi os gritinhos das mulheres excitadas que o cercavam instantaneamente, como se estivessem alucinadas na beira de um palco de um show. Eu não tinha ideia de que ele estava vindo em minha direção antes que meus seios pressionassem com força contra a parede e eu fosse segurada lá, sua respiração quente no meu pescoço. Eu senti o distinto aroma de chiclete escapando de seus lábios.

Chiclete. Puta merda. Ele é o lobo. Cullum Williams é o lobo.

Eu o imagino enquanto ele se choca contra mim na festa de despedida de solteira e os elogios enchem a sala. Os aplausos das minhas amigas. Ele falou. Todo alarme soou alto, me dizendo para

correr. Arrepios cobriram todo o meu corpo quando me torci para fora do aperto dele. Meus olhos encontraram os dele. Eu ofeguei quando o fantasma do meu passado se elevou sobre mim. Fugi para a segurança das comodidades.

Cullum Williams era o mesmo tipo de idiota musculoso que também frequentou minha escola quando eu era mais jovem? O mesmo homem que uma vez me prendeu dolorosamente contra uma parede no banheiro feminino na escola e passou a mão pela minha coxa, continuando a traçar seus dedos sob a bainha da minha saia até que ele me fez derramar lágrimas. Cullum Williams da Williams Entertainment and Escort Services. Eu nunca me permiti esquecer o nome dele, ou a sensação de suas mãos calosas arranhando minha pele, ou a sua respiração cheirando a chiclete cobrindo meus lábios, ou até mesmo o olhar de prazer dançando em seus grandes olhos verdes quando o medo me atingiu como um canhão, aceso e disparado.

Puta merda! É ele.

— Eu não tenho certeza do que você está fazendo, mas eu conheço você o suficiente para saber que você está aprontando alguma coisa. — Sua respiração quente de chiclete corre pela minha bochecha.

Eu sei quem é o lobo.

— Saia de mim, — eu grito batendo a cabeça.

— Durma bem, Red.

Estou atordoada e confusa. Minha cabeça balança de um lado para o outro, batendo contra algo tenso, mas não restritivo. Cavando meus dedos para avaliar o que eu estou enfrentando não ajuda, então eu toco descontroladamente na esperança de que eu possa pelo menos descobrir o que está acontecendo. *Por que estou me movendo?* Eu tento abrir meus olhos, mas eles se separam apenas pela metade. Tudo está escuro. Não consigo ver. Levantando minhas mãos para o meu rosto, sinto a tira de material grosso onde meus olhos deveriam estar. *O que está acontecendo? Onde estou?* Eu deixo cair minhas mãos e percebo que elas caem acima da minha cabeça e não para baixo ao meu lado como deveriam. *Estou de cabeça para baixo*. Eu bato violentamente mais uma vez.

Um apito sinistro dança ao meu redor enquanto continuo meu ataque selvagem. — Socorro! Me ajude! — Eu lamento.

O som do riso estrondoso interrompe o assobio. — Bem na hora, Red. Bem-vinda de volta. Você sabe o que? Estou ficando tão preciso com a medição dessas drogas que continuo te dando, eu até me impressiono."

Eu ouço carne sendo esbofeteada antes de sentir a picada na minha espinha.

— Oh, foda-se, — eu me queixo.

— Se sua bunda já não estivesse dolorida o suficiente, você chegará lá. Agora cale a boca, vai, e pare de bater nas minhas pernas. Coloque desta forma, se você não me bater, eu não vou bater de volta. — Seu tom é seco.

As pernas dele?

Meu pulso bate na minha cabeça como a performance solo de um tambor, e é tão alto e rápido que é quase ensurdecedor. — Pare o barulho, — eu imploro.

De repente, não há mais balanços ou saltos. Há apenas um pulso

constante passando entre as minhas orelhas.

— Estamos aqui, — ele proclama.

A tontura me supera a ponto de acreditar que perdi meu rumo. Eu não tenho ideia se estou virando, caindo ou sendo jogada em círculos. Tudo que sei é que estou fora de controle.

— Como está o sangue fluindo para o seu cérebro? — Eu o ouço cheirar. — Você está de cabeça para baixo, eu aposto que está girando agora, você está no caminho certo. — Ele está me segurando em um abraço. Seu peito é pressionado contra o meu. Sua respiração de chiclete roça meus lábios. Suas mãos estão nas minhas costas.

— Deixe-me ir. — *Estou apavorada*.

— Claro. — Ele ri quando eu caio de bunda no chão. — Sempre tão teimosa, Morgan. Talvez você devesse ter trabalhado nessa sua teimosia ao longo dos anos.

— Você não me conhece. — Eu me encolho, tentando focar minha visão em algo que não parece preto.

— Sim, eu faço. Agora, você vem.

Meus braços sentem como se estivessem arrancando de suas articulações. — Pare, você está me machucando. — Silêncio. — Por quê? Por que você está fazendo isto comigo?

— Eu te disse, é porque você merece isso. Pense, Morgan. O que você poderia ter feito para merecer tal tratamento?

— Eu não sei. — É um choro frustrado. Eu não sei o que eu fiz com Cullum para causar-lhe a intimidar-me como ele fez na escola, ou agora. Cullum fez muitas coisas imperdoáveis para mim, coisas das quais nunca falei para uma única pessoa, nem mesmo para Linda, devido ao embaraço que causou.

— É melhor você segurar isso com força. — Algo corre até meus dois braços antes de eu experimentar três tapinhas duros contra o meu peito. — Se você perder a mochila, é porque você não segurou firme o suficiente.

— O quê? — Eu grito enquanto sinto meu corpo se mover em um meio círculo antes de ser cutucada da parte inferior das costas.

Eu caio. Estou caindo. Estou sem peso enquanto chuto minhas pernas. Estou com medo quando eu envolvo meus braços em volta do meu peito.

Eu grito pela minha vida.

CAPÍTULO SETE

Reid

Horas se passaram, mas ainda está escuro lá fora. Eu não acho que essa noite vai acabar, da mesma forma que eu não acredito que esse pesadelo que estou vivendo terminará com o resultado pelo qual estou orando – Morgan em casa segura e ilesa.

West tenta discutir a situação do rastreamento do telefone comigo, mas não estou interessado. Nada do que ele disser será capaz de explicar a incompetência do departamento. Aposto que eu poderia localizar um hacker que pudesse fazer o trabalho mais rápido do que esses idiotas que se dizem “homens da lei”. Talvez seja isso o que eu preciso fazer – recrutar um criminoso para me ajudar a encontrar um criminoso ... um obsessivo com isso. Onde eu começaria a procurar? Eu conheço alguém?

Meu telefone toca na minha mão, me tirando dos meus pensamentos.

John: Ei garoto, como vão as coisas lá? Existe alguma notícia

atualizada sobre Morgan?

Eu gostaria de poder dizer a John o que está acontecendo. Mas eu não posso. Eu não sei como dizer a ele que o bastardo ladrão de esposa ligou novamente, e como, depois de atender a ligação dele, cheguei a pensar que o sequestrador de Morgan está de olho em tudo o que estamos fazendo dentro desta casa. *Eu preciso de prova*. Eu gostaria de poder dizer a John que eu estava começando a montar minha teoria, uma teoria que me leva a acreditar que alguém trabalhando neste caso está por trás do sequestro de Morgan, de alguma forma ... até mesmo alguém tão alto quanto West. Eu não posso compartilhar nada disso com John, porque e se eu estiver errado? *Eu preciso de prova*. Poderia ser o West, embora? Ou o seu parceiro Gleaton? Talvez eles estejam juntos nisso. Onde está aquele pau do Gleaton? Por que ele não está aqui?

Eu esfrego meu rosto com a mão livre, tentando entender meus pensamentos. Morgan está desaparecida; isto é um fato. Mas onde ela está? Quem tem ela? Talvez eu precise de um quadro branco onde eu possa fixar fotos daqueles que eu suspeito em exibição para ajudar a envolver minha mente em torno de cada possibilidade. Eu poderia

realizar um processo de eliminação como eles fazem naqueles programas policiais para encontrar seu sequestrador. Aposto que West tem um quadro, e vou colocar minha equidade, inferno, meu sustento inteiro no fato de que meu rosto está marcado como seu suspeito número um.

Meu telefone toca.

Virando os olhos para baixo, fico surpreso ao ver uma mensagem de Linda. Eu estava esperando que fosse outra de John.

Linda: Reid, eu tenho informação. Eles estão rastreando suas chamadas recebidas e futuras? Suas mensagens de texto?

Informação? Que informação?

Eu: Que informação?

Linda: Eles podem ver essas mensagens ou não? Os policiais?

Eu sutilmente olho para West, Maloney e Dyson, que estão ocupados trabalhando em aparelhos diferentes na mesa da sala de jantar. Eu olho a escada, decidindo que é melhor ligar para Linda, mas de algum lugar que eu não posso ser ouvido por eles. Uma simples torção no meu calcanhar me faz rastejar para as escadas.

— Posso ajudá-lo com alguma coisa? — Prospect se eleva sobre mim a partir do segundo passo. Seu cabelo ruivo está despenteado, os cantos dos olhos voltados para baixo.

— Ummm. Não. Indo usar o banheiro e refrescar-me. — De qual direção Prospect veio? Ele não estava na escada quando as analisei antes. Prospect desliza para o lado e gesticula com a mão para eu passar.

— Obrigado, — eu digo.

Esse policial me dá arrepios. Onde estava o Prospect quando a ligação chegou hoje de manhã? Onde ele esteve desde então? Prospect é como um criminoso cujos passos não se ouve. Cuja presença só é conhecida quando ela está bem na frente do seu nariz e não antes. Preciso de respostas e preciso identificar o rosto do Prospect no meu quadro de suspeitos.

Pressionando meu queixo contra minha clavícula, tento dar uma espiada atrás de mim para ver se ele ainda está de pé no degrau, mas não consigo vê-lo. Eu não vejo muito dessa posição.

Continue caminhando. Esqueça o Prospect por enquanto e ligue para Linda.

Eu não topo com Ronald ou Kylee quando entro no corredor, o que me deixa aliviado. Faço uma pausa na porta fechada de Aleeha, passando a mão sobre o topo de seu nome pintado de rosa na madeira, e penso em Ronald e as mesmas perguntas que ele faz a mim toda vez que ele entra na sala, quando estou prestes a entrar. Estou preocupado com o Ronald. Inferno, tenho medo por todos nós. Se Ronald não receber a menor notícia tranquilizadora logo, temo que ele se transforme em uma bomba e exploda estilhaços em todas as direções que enfrentar. Eu não tenho nenhuma notícia reconfortante para entregar a este homem porque não tenho ideia de como trazer Morgan para casa. Eu sou inútil. Estou cansado de me sentir tão inútil.

Inclinando minha testa contra a porta, penso em Kylee e na bagunça chorosa que ela apareceu mais cedo. Sua postura caída e olhos afundados me disseram que toda a esperança dela está falhando. Seu punho fechado, apertando o tecido de sua camisa sobre o peito, gritava sobre a dor que seu coração estava sofrendo. Suas lágrimas rápidas e caindo eram aquelas que você sabe que nunca poderiam cair com força suficiente para lavar uma dor esmagadora da alma. Kylee está torturada pela perda de sua filha, e ela não é de ajuda agora. Não para mim, não para ninguém.

— *Espera aí. Você precisa esperar*. — eu cochicho para não ser ouvido, mas é preciso me lembrar de que eu mesmo preciso esperar.

Chego ao meu destino, ao quarto principal, e cuidadosamente passo na ponta dos pés pela pequena abertura que a porta cria antes de fechá-la silenciosamente para minimizar o som.

Meu telefone toca.

— Merda! — Eu sussurro, mexendo no telefone na minha mão, desesperado para silenciar o volume. *Silenciado*. Eu preciso de privacidade agora.

Linda: Eles estão traçando seu maldito telefone, Reid?

Eu pressiono a imagem do telefone ao lado do nome de Linda na mensagem aberta.

E ligo para ela.

“Olá, você ligou para Linda. No momento, estou fora do escritório até novo aviso. Obrigada.”

Ela mudou sua mensagem de saída.

Meu celular vibra.

Linda: Não me ligue. Apenas responda a minha pergunta.

Eu: Não estou sendo rastreado, não. O que está acontecendo?

Linda: Não confie em ninguém.

Eu: O que você sabe? Onde está você? Por que você saiu de casa tão rapidamente?

Linda: Investigando. Eu tenho visto alguém. Ele é um policial. Ele participou da cena do crime de Morgan e se ofereceu para as buscas que vem fazendo. Eu tenho informações.

Estou chocado. Por que Linda manteve isso de mim? Ela contou a West ou Gleaton sobre esse policial? E vendo, ela quer dizer romanticamente, ou eles são amigos?

Eu: Vendo? Como em namorar esse policial?

Linda: Sim. Por um tempinho agora. Morgan também não sabia. Eu queria mantê-lo em segredo.

Eu: Você estava vendo-o quando nós, você sabe, na viagem de negócios?

Linda: Sim, eu estava. Meio que vendo.

Meio que vendo. Como você *meio* que vê alguém? Ou você vê ou não. Por que ela não contou a Morgan sobre ele?

Eu: Este policial está com você agora?

Linda: Sim.

Eu: Pergunte a ele sobre um policial alto e esguio ruivo, sobrenome Prospect, primeiro nome Eric.

Sento-me na beira da cama e espero uma resposta. A tela pisca.

Linda: Desonesto. Seu registro não é limpo. O Eric Prospect teve várias ações disciplinares no passado. Fique longe dele.

Minha mente está girando.

Eu: O que esse namorado está dizendo sobre o Morgan? O que ele sabe?

Linda: Reid, o que eles estão nos dizendo não é tudo que eles sabem. Eles estão mantendo as coisas de nós.

Merda! Eu suspeitava disso.

Alguém bate na porta.

— Reid. Você está aí?

Merda! West.

Eu: West está batendo na porta do quarto. Eu tenho que ir. Venha para a casa e traga seu amigo policial com você.

Antes que eu tenha a chance de descartar meu telefone, ele vibra.

Linda: Apague estas mensagens.

Eu jogo o telefone na cama e corro para o banheiro, puxo minha camiseta por cima da cabeça e jogo no chão. Um pouco de pasta de dente reveste as cerdas da minha escova de dentes antes de enfiar na minha boca e selar meus lábios ao redor dela. — Merda! — Eu murmuro, girando a torneira para um drible, usando a água para espirrar meu rosto. — Já vou. — É uma chamada abafada. Eu respiro uma longa respiração pelo nariz. *Junte tudo, Reid*.

Tentando meu melhor passeio casual parecer mais descontraído, chego à porta e abro uma fresta. O suficiente para eu ver West e para ele ver gotas de água ainda escorrendo pelo meu rosto, a escova de dente saindo do canto da minha boca, e o fato de eu estar sem camisa no momento.

West franze as sobrancelhas. — Você vai demorar?

— Não. Somente me refrescando. — Eu sugo a pasta de dente que está para escorrer do meu lábio para o meu queixo.

— Ok. — A maneira como ele olha para mim me diz que ele não acredita na minha pequena farsa. — Eu vou esperar aqui por você.

Eu dou de ombros. — Se você precisar.

Eu sou paranoico? Ou posso cheirar um rato? Um rato que está dentro da minha casa. Um rato que é responsável pelo desaparecimento da minha esposa.

CAPÍTULO OITO

Morgan

A água gelada me suga e me dobra. Minha entrada provoca um choque que rouba minha respiração e deixa meus membros duros. Tudo ao meu redor é tão preto quanto a pena de um corvo, e eu não tenho certeza se é só porque a venda permanece no lugar ou se eu afundei tão fundo que nenhuma luz pode passar. Preciso encontrar a superfície e depois a costa.

Nade, Morgan.

Eu faço. Com coragem.

Há uma forte sensação de puxão que me traz para baixo e assim como a venda que escorrega da minha cabeça. Meus olhos estão arregalados enquanto luto contra a dura sucção. É tão rigoroso que meus membros lutam para me impulsionar pela água, mas eu me recuso a desistir porque não posso me afogar. Eu não posso morrer assim. Meus músculos queimam, e não importa o quanto eu tente empurrar além da dor, eu não posso. Eu estou lutando contra um

redemoinho muito mais forte do que qualquer rasgo que eu já tenha sido arrastada antes, e quanto mais eu luto, mais ar eu perco. Paro de lutar e relaxo meus membros da mesma forma que faria se encontrasse perigo no surf.

Conservar.

Esperança.

Orar.

Nadar.

É tudo que posso fazer.

De repente estou sem peso, como se muitas mãos me pressionassem para cima, guiando-me para a segurança. Eu bato minha cabeça embaixo da água, procurando a fonte da ajuda que me é oferecida, mas ninguém está comigo, e então eu estou deitada de costas, flutuando. Um chupar de ar duro tem meus pulmões inflados, e eu não cuspo nem tusso, o que é estranho por quão perto de sem ar eu fiquei. Em vez disso, eu rolo de barriga para baixo e nado como se minha vida dependesse de mim. Minha vida está dependendo disso. Eu não tenho ideia de qual caminho seguir; eu não tenho ideia de onde

estou, e quando giro meus braços várias vezes, até parecer que eu completei o movimento pela milionésima vez, eu me vejo colocando meus dedos em uma superfície de terra.

— Oh, senhor. — Estou tremendo quando consigo me rebocar da água. Eu sopro excessivamente entre cada grito que eu dou devido ao desespero esmagador. Eu estou chorando como uma criança perdida, com medo e em perigo.

Onde estou? Por que é tudo escuro?

Passar minhas mãos sobre meus olhos tem meus cílios dobrados com o movimento. Eu olho para a escuridão total que me faz estremecer. Estou molhada, ainda tremendo e completamente assustada.

Sentada no que parece ser um monte de coisas, inclino o queixo para cima e procuro por luz, um objeto familiar ou um ponto de referência que possa me ajudar a avaliar minha posição atual. Não há nada até que uma meia lua crescente aparece do nada. Esta lua oferece um guia. Eu não consigo desviar os olhos, nem por um segundo, porque e se eu perder de vista? E se ela desaparecer da mesma forma que eu fiz… sem aviso e totalmente inconsciente? O risco de sua perda é

significativo demais, então fico sentada olhando na forma crescente que está acima de mim.

Um alto grito ensurdecedor explode da minha boca quando algo desliza sobre o meu braço e através da minha cintura. Eu já sei que é uma cobra sem ter que procurar por ela. Instintivamente, eu pego o bicho escamoso do meu corpo com desespero e o afasto de mim.

— Merda! Eca! Que nojo! — Eu pulo para cima, guinchando.

De longe, este é o pior início de um dos jogos do lobo até agora. Eu caio no chão, cheia de fadiga. Lágrimas não mais se acumulam, mesmo que eu deseje poder uivar de forma inconsolável para liberar o estresse acumulado dentro de mim. A adrenalina que agora está pulsando por todo o meu corpo traz consigo o alerta que preciso. Eu não posso continuar a sentar aqui. Eu preciso me mover.

Eu rastejo o mais longe que posso, mas a noite traz a escuridão, para ver qual caminho seguir é impossível, isto é, até que a lua quase se transforme em um sol nascente, e a luz do dia esteja apenas a um fio de distância. Eu preciso encontrar uma saída.

Cinzento. A cor cinza é o que eu encontro quando eu giro em um círculo no meu traseiro. Cada direção que eu vejo tem pedregulhos me

circulando. Há muitos deles que criam uma estrutura vertical de paralelepípedos. Não há uma árvore presa ao chão à vista, somente galhos apontando por entre o amontoado de pedras. A mochila que estava na prisão do lobo comigo, no entanto, fica no chão ao alcance do braço. Eu grunho quando eu estico meu braço e a puxo para o meu estômago.

Quando volto minha atenção para o chão, tremo quando vejo muitas tubulações brancas circulares, expostas em partes por uma rica sujeira marrom, que leva a uma piscina de águas calmas e turvas ... água escura que começa onde o solo termina em todos os lados. Eu olho rapidamente para onde estou sentada, apenas para ofegar ao ver uma enorme caixa de metal, mais alta do que eu, mais larga do que eu, com mais tubos saindo dela. Eu não entendo o que estou vendo, mas algo me diz que este é um lugar que o lobo criou como parte de seu jogo.

A única saída daqui é para cima. Não há espaço suficiente para andar em volta da beira da água porque algumas partes da sujeira desapareciam onde a pedra entra na terra e onde a água começa. E não vou entrar novamente nessa piscina só para explorar o outro lado.

Os ásperos e grossos sarsens[2] tornam-se o meu mais recente desafio e, apesar de consumir toda a energia que tenho, consigo ter coragem para começar a subida necessária para sair da armadilha do lobo.

A primeira vez que eu alcanço meus braços e agarro em uma superfície que eu acho que pode segurar meu peso, eu caio. A rocha não é uma rocha; é massa em minhas mãos quando se desintegra em pó.

Vamos, Morgan. Encontre um caminho para fora daqui.

Eu recuo e procuro a estrutura imponente na minha frente. Esquerda, direita, centro. É como pesquisar através de uma série de labirintos. Cada caminho que escolho termina em um lugar onde eu poderia cair para a morte, mas continuo procurando.

Eu continuo meu processo mental de eliminação. *Não esse caminho. Ou aquele*. Meus olhos se arregalam. Meus ombros recuam no momento em que localizo uma rota possível. É tão claro quanto o dia, mapeado em minha mente quando eu novamente alcanço meus braços para cima e seguro uma pequena superfície lisa que a pedra cria. Gemendo através dos meus dentes cerrados, eu puxo minha perna

[2] Pedras de **Sarsen** são blocos de arenito encontrados em quantidade no Reino Unido.

para trás do meu braço, minha jornada em andamento. Eu posso fazer isso.

Cada puxão do meu corpo se torna mais difícil que o anterior. Meus músculos queimam. Minhas pernas tremem e meu equilíbrio vacila. Eu jogo minha mão, segurando o topo de uma pedra irregular e perco o equilíbrio. Um líquido quente escorre na parte interna do meu braço, e eu não tenho que olhar para saber que é o meu sangue ... a picada do meu suor entrando na ferida aberta é conhecimento suficiente.

Porra!

Arremessando meus olhos para o chão e então para cima, percebo que não tenho muito mais para ir, então eu me empurro até um grunhido final forçado explodir da minha boca e eu lanço meu corpo para frente e deslizo o comprimento do meu torso sobre a borda, esfregando com a mochila enquanto ela cai de um ombro e balança ao redor do meu pescoço.

— Eu fiz isso, — eu suspiro, caindo de costas, abraçando a mochila apertada no meu peito. Uma onda de emoção me invade: felicidade, alívio, medo, tristeza ... todos eles se misturam em uma massa

avassaladora, e não tenho certeza se quero gritar meu alívio, chorar até não haver mais lágrimas para chorar, ou enrolar-me na posição fetal e dormir ...

A necessidade de descanso é algo com que eu me esforço quando minhas pálpebras ficam pesadas, e meus olhos coçam com irritação. Eu daria meu braço direito para dormir agora, mesmo que apenas por dez minutos, mas eu não daria a minha vida para dormir, e se eu estiver aqui e fizer isso, será o fim da minha vida. O lobo provou uma e outra vez que ele é o caçador porque é isso que os lobos fazem – eles caçam. E eu sou sua isca porque é para isso que os cordeiros são – eles existem como presas. *Levante-se, Morgan*, eu aviso a mim mesma.

Eu faço. Eu encontro meus pés e procuro o ambiente ao meu redor.

A mata seca e densa se estende para sempre. Meu coração bate no meu peito. *Não há mais mata nativa. Eu não posso mais fazer a porra da mata nativa.* Deslocando meus olhos da esquerda para a direita, imagino o lobo parado ali em algum lugar, esperando por mim. Seu olhar malvado e faminto e sua postura dominante já me dominam. Seu coração, frio o suficiente para extinguir minha alma e apagar minha existência no momento de sua escolha.

Eu preciso manter o foco e permanecer forte, mesmo que esteja faminta e cansada.

Ouço um ruído.

O som de um galho se movendo, mesmo que não haja brisa a ponto de causar um deslocamento, faz com que eu lentamente abra o zíper da mochila pendurada na minha frente. Eu não tenho ideia do que tem dentro da mochila além da tesoura que eu coloquei lá dentro. *E se ele revistou a bolsa quando eu não estava mais consciente? E se elas não estiverem mais lá? Por favor, deixe-as estar aqui.*

Eu freneticamente movo minha mão enquanto tento manter o restante do meu corpo imóvel. Oh, meu Deus, onde estão as tesouras?

CAPÍTULO NOVE

O lobo

Quando eu tiver a chance de voltar para onde eu descartei Morgan, ela estará flutuando de bruços na água, inchada, sem vida enchendo o vaso que uma vez hospedou sua alma desonesta. Ou ela terá escapado e não estará em lugar algum que eu possa ver. Eu estou esperando pelo último. Estou gostando muito deste jogo para terminar aqui.

Entrando no compartimento escondido ao lado da minha cabana na floresta, estou confiante de que meu cadáver e a vítima número doze terão descongelado. Não é preciso um cientista forense para saber quanto tempo levará o processo ou a que temperatura armazena um corpo. Ou até mesmo como ter sucesso em descongelar e preservar um cadáver mais fresco. Qualquer imbecil pode pesquisar essa merda na Internet. Qualquer idiota pode colocá-lo em prática.

Eu tenho mantido Katy no gelo por três dias e descongelando-a lentamente por dois. Ela tem outro propósito para mim, mais do que

matar, mais do que a minha vingança. Ela é um adereço em um experimento que quero desencadear. Um membro extra do elenco no meu grand finale. A punição será ganha contra aqueles que me roubaram, e Katy é a diversão perfeita no meu Game of Life[3] com Morgan.

Um tronco de árvore bem cortado repousa nos pés enegrecidos de Katy. Eu abaixo meu corpo até que eu relaxe no tronco, e deslizo meus olhos para cima e para baixo em suas pernas abertas e nuas. Ela é mais bonita na morte do que na vida. Eu admiro cada corte manchado em sua carne e as manchas pretas cobrindo sua pele de onde seu sangue se acumulou em sua morte. Minha arte é excelente. Estou admirado.

Quebrar meu sequenciamento de mortes trouxe ansiedade inicial. Afinal, eu aperfeiçoara um assassinato polido, que satisfazia todos os meus desejos. Eu gosto de ver corpos se deteriorarem. Eles nunca seguem o mesmo caminho porque muitos fatores entram em jogo. Meio ambiente, clima, ferimentos sofridos antes e durante a morte, e também os ataques da vida selvagem na área na época. Mas agora, percebo que não tenho motivos para me preocupar com meus rituais pós-morte. A Red número doze talvez não esteja se decompondo no

[3] *Jogo da Vida* – e também nome da serie dos livros.

mato, alimentando o cheiro de carne apodrecida que eu tanto desejo, e agindo como adubo no meu vasto cemitério ... mas ela está inteira. Tão intacta quanto o dia em que a salvei e cruzei o nome dela da minha lista de cadelas. E eu gosto.

Eu nunca imaginei essa situação em sonho ou imaginação. E isso me faz uma questionar a mim mesmo. Eu congelo Morgan? Eu quero admirá-la do mesmo jeito que faço com a Katy agora? Dias depois sua chama ter queimado? Dias após eu ter conseguido minha liberdade?

Acho que gostaria de ver Morgan dessa maneira.

O que parece horas apenas equivale a um total de quarenta e cinco minutos. Isso é quanto tempo eu gasto olhando para Katy deitado no chão de madeira do compartimento escondido ao lado da cabine. Eu gostaria de ficar com ela por mais tempo, para que eu possa aproveitar minhas conquistas, mas uma longa viagem me espera, e um jogo inacabado ainda deve ser concluído.

O alarme do meu relógio soa, alertando-me para o fato de que tenho uma vida para liderar fora do meu jogo e minha necessidade de matar. Eu devo manter um ato de equilíbrio. Mantenha todas as minhas bolas no ar e faça aparições.

Quão rápido o tempo voa quando você está se divertindo.

Red terá que esperar até eu voltar. Uma rápida exibição pública é tudo o que será necessário para manter minha capa intacta e permitir que eu caia novamente. Quem sabe, eu posso encontrar minha próxima vítima. Isso seria gratificante.

Quando um assassino caminha entre a sociedade, você acha que poderia escolhê-lo da multidão?

CAPÍTULO DEZ

Reid

Três horas. Isso é quanto tempo é até que eu esteja sentado em frente às câmeras e termine uma coletiva de imprensa na minha sala de estar, implorando aos responsáveis pelo desaparecimento de Morgan para que ela volte para casa. Um nó se forma na parte de trás da minha garganta, fazendo com que eu engula excessivamente em uma tentativa de desalojá-lo. *Uma conferência de imprensa não vai funcionar, então qual é o sentido disso?*

Correndo meu dedo ao redor da borda do copo vazio tem minha mente atolada. Como? Por quê? Onde? Quando? Eu repasso todas as lembranças que tenho desde o momento em que Morgan me deixou naquela manhã até agora. Como diabos isso aconteceu? Por que isso está acontecendo conosco? Onde ela está? Quando eu vou segurá-la novamente? Eu vou segurá-la novamente?

— Reid, querido. Como você está? — Sua mão repousa no meu ombro, seu tom baixo e estimulante.

— Kylee. — Eu mudo no meu lugar até que seus olhos encontrem os meus.

— Eu sinto muito. — Sua mão escova meu cabelo. — Eu sei que não estive aqui por você ... Eu… bem, eu… É um choque, você sabe?

Eu balanço minha cabeça.

— Eu estou aqui agora. Nós vamos passar por isso; eu prometo que vamos. — Os olhos de Kylee brilham com lágrimas. Seu queixo treme, mas ela sorri. O sorriso falso de uma mãe. Vi Morgan fazer isso quando a preocupação estava atormentando-a, mas a segurança é necessária para as crianças.

"Não há nada com que se preocupar. Mumma[4] está aqui. Eu prometo a você que tudo ficará bem."

A voz de Morgan. Sinto falta do som da voz dela.

— Morgan, — eu chamo. Suas palavras são tão claras como se ela estivesse ao meu lado.

Kylee envolve seus braços em volta da minha cabeça e me puxa contra sua camisa. — Eu sei. Shhh. Eu sei.

[4] É uma maneira carinhosa e fofa de dizer 'mãe'. Geralmente usado por filhos mais novos.

Eu não me permito derramar uma lágrima, mesmo que eu queira me livrar do balde de problemas. Eu não concedo ao meu pânico a chance de me consumir porque é um ato inútil. Eu já estive lá e já fiz essas coisas. Ontem à noite, Maloney me acompanhou através disso; ele me fez respirar novamente quando parecia impossível fazê-lo. *Fique no controle, Reid.*

Eu aperto minhas pálpebras juntas com força e rezo por alívio. Eu rezo para não jogar imagens horríveis na minha cabeça como um pesadelo em repetição.

— Reid, vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem. Eu prometo. — Kylee repete isso várias vezes. Seu aperto é forte. Suas palavras ecoando pelo peito. Seu batimento cardíaco corre entre eles.

— Você está pronta? — A voz profunda de Ronald tem Kylee se afastando. Ela passa a mão sobre o topo da minha cabeça mais uma vez e, em seguida, escova meu rosto com as pontas dos dedos.

— Nós somos da família, Reid. Ninguém fica para trás. Nós vamos encontrá-la. — Kylee tem aquele sorriso de novo. Aquela porra de sorriso falso. Aquele que mostra que ela não acredita que isso seja verdade; ela apenas quer que seja.

— *Eu sei*, — falo essas palavras porque o som não as pressiona.

— Vamos ver nossos netos. Detetive West disse que podemos agora, e John e Shirley estão esperando. As crianças estão acordadas.

Merda! John. Eu esqueci de mandar uma mensagem para ele.

— Eu não respondi ao John ...

— Está bem. Coloquei-o a par de tudo. Ele entende, — Ronald diz isso com calma.

O que aconteceu lá em cima no quarto de Aleeha para deixá-los tão focados e no controle da situação? Eles só precisavam de tempo para digerir e processar seu choque?

— Abrace-os por mim. Diga às crianças que eu ... — Minha garganta se esforça, fazendo com que eu a limpe. — Diga a Brax e Aleeha–

— Nós vamos. — Os olhos de Kylee são macios, ainda circulados por anéis negros. Seu cabelo está escovado e suas roupas estão trocadas. Ela está exausta. Quebrada. Machucada. Mas vivendo. Um minuto de cada vez. Uma hora de cada vez. Um dia de cada vez.

É como faremos isso.

É como vamos trazer Morgan para casa.

— Você está fazendo tudo o que pode, Reid. Não duvide de si mesmo. Não pense nos se nãos. Ao invés disso, pense no agora, ok? Pense na Morgan entrando pela porta da frente e ela entrará.

Eu concordo.

— Voltaremos em breve.

— Tudo bem. — É tudo que consigo responder.

Detetive Dyson tem um brilho de pena em seus olhos quando ela balança a cabeça apenas uma vez na minha direção. Ela tem uma bolsa de computador pendurada no ombro e um conjunto de chaves penduradas no dedo. Lynette não diz uma palavra, nem olha para trás depois de passar pelo limiar da nossa casa. Eu vou vê-la novamente? Ou o envolvimento dela agora está completo?

Gleaton está vestindo jeans e uma camisa azul de colarinho quando chega com pressa, entrando no momento em que Dyson sai. — Reid. — Ele balança a cabeça enquanto coloca uma pasta no balcão da cozinha que eu não estou longe.

Eu ofereço uma onda indiferente em resposta.

— Uma hora. Volto em uma hora. O policial Stratt está a caminho da casa; não o deixe sair antes de eu voltar. — West passa por Gleaton, deixando apenas aquelas palavras para trás em sua pressa. O Prospect é quente nos calcanhares de West.

Eu não tenho a chance de falar ou fazer perguntas antes que o West seja um flash de jeans agora desaparecido. Por que eu sinto como se estivesse parado, mas o mundo está se desfazendo e girando em torno de mim?

— O que está acontecendo? — Eu preciso de respostas.

Silêncio. Completo silêncio. Nem mesmo a mão no relógio gravando os segundos pode ser ouvida.

— Estamos fazendo o nosso trabalho. Nós vamos encontrar sua esposa. — Gleaton fica perto de mim quando ele finalmente responde.

O cheiro de lenha queimada enche meu nariz. Sua colônia é forte. Sua expressão é relaxada. Seus olhos são brilhantes; excitados e alertas. *Ele dormiu?*

— Max. — Eu ouço Gleaton dizer enquanto ele caminha em direção ao salão.

— Ele está dormindo na cadeira.

— Bom. Max precisará disso. Ele está com você até o fim. — Gleaton espia um relógio de ouro grosso preso ao pulso e depois ao celular em concha na mão. — Café, Reid?

— Não. — O pensamento de comida ou bebida vira meu estômago. Por que Max está comigo até o fim? E quando isso vai acabar?

— Posso ver meus filhos? Eu sinto falta deles. — Certamente, eu estou livre para ir e vir agora que eu fui liberado, por favor.

— Claro, mas se eu fosse você, manteria o tempo longe em intervalos curtos, dadas as ameaças que o nosso interlocutor fez e o fato de ele parecer instável. Vinte minutos, talvez? — Estou chocado.

— Pegue seu celular, ok?

Eu pulo para frente. Não sei por que – talvez porque nunca esperei que Gleaton dissesse sim. — Realmente? — Eu acabei de ouvi-lo bem?

Gleaton acena quando ele diz: — Vinte minutos, ok?

— E se outra ligação chegar?

O canto dos lábios dele levanta para cima. — O rastreador está no lugar. Todas as chamadas são gravadas imediatamente e, quando chegam pela linha fixa, podemos redirecioná-las para seu celular. Uma visita curta está bem; seus filhos precisam ver o pai deles.

Minha boca cai aberta como um vislumbre de alívio que atravessa minhas veias. — Quando isso aconteceu? Você disse que poderia demorar mais tempo?

— West acaba de enviar confirmação.

— Graças a Deus.

A grama amortece meus pés, fazendo parecer que estou pulando entre nuvens. Eu estou leve. Eu não bato, não falo. Eu abro a porta e corro até ver a área do salão.

— Papai, papai.

A voz da minha doce Aleeha é música para os meus ouvidos. Ela salta de uma cadeira de saco de feijão e corre em minha direção. Seu rosto está cheio de felicidade à primeira vista, mas quando ela se fecha em sua tristeza, é óbvio.

— Mamãe está em casa? — Ela pergunta enquanto eu me ajoelho, e ela colide com o meu peito. Eu a abraço com cada força que meus braços têm.

— Não, querida, ainda não. Logo, — eu sussurro contra sua bochecha.

— Eu quero mamãe. Podemos ir buscá-la de ... — Ela faz uma pausa. — Papai, onde está minha mamãe? — Seus lindos olhos procuram os meus.

— Vovó e vovô estão aqui. Isso é emocionante, certo? — Minha pergunta é entregue com a esperança de uma distração necessária.

Seu lábio inferior afunda. — Eu quero mamãe.

— Eu sei que você faz. Logo, garotinha. Logo. — A pele em seus braços é suave enquanto eu esfrego minhas mãos para cima e para baixo. Suas bochechas parecem manchadas do que eu suponho serem lágrimas secas, e suas bochechas estão avermelhadas.

— Brax e eu, podemos ir para casa agora, papai? — Sua voz é doce, tão doce quanto o cheiro familiar de morango de seu spray de cabelo enchendo o quarto. *Ela deve ter levado com ela*.

Eu suspiro. Eu gostaria que eles pudessem.

— Brax está do lado de fora com seu avô. Eles estão passando e chutando bola. — Shirley está de pé atrás de Aleeha quando eu olho para cima. Seus rolos de cabelo ainda estão lá, apesar de ela estar vestida com um dos seus vestidos de dia florido.

— Ele está bem?

— Não. Brax não está pronto para falar, mas ele está quase lá.

Eu aceno com a cabeça.

— Venha aqui, muffin. — Levanto Aleeha ao meu quadril e meu

coração enche de satisfação. Seu pequeno queixo envolve meu pescoço. Suas respirações prolongadas fornecem calor à minha pele. — Vamos ver Brax. — Aleeha acena com a cabeça contra mim.

De pé na varanda de trás, vejo Brax em sua camisa de futebol amarela brilhante imediatamente. Sua perna direita balança para trás e se conecta com a bola. O baque alto que acompanha seu chute me faz sorrir. — Brax, — eu chamo. Ele não olha na minha direção ou reconhece que estou parado lá. Meu sorriso desaparece enquanto eu suspiro.

Kylee senta em uma cadeira de jardim com os olhos virados para cima. A bola voa na direção de Ronald. É uma manhã tranquila e serena. Para mim, porém, o inferno paira. Pendura como uma tempestade prestes a abafar a terra com golpes de eletricidade. — Brax, papai está aqui. — Kylee se levanta da cadeira.

— Brax, — eu chamo. Ele não segue a minha voz para me encontrar. Em vez disso, ele mantém a cabeça virada para o outro lado.

Aleeha cai do meu quadril para os pés, aninhada perto do meu lado. Eu mantenho meu braço em volta dela como se ela pudesse ser engolida inteira se eu não o fizesse.

— Companheiro. Eu estou aqui. — Eu tento novamente chamar a atenção de Brax.

Eu não. Ele pega a bola que Ronald chutou alto, então arrasta seus pés na direção oposta a mim até que ele fica de frente para a cerca mais distante.

— Dê-lhe tempo. — A voz profunda de John vem de trás de mim. — Ele vai ficar bem. — Eu sinto a mão dele no meu ombro.

— Sim. — Eu suspiro.

— Papai, eu senti sua falta ontem à noite, — Aleeha sussurra.

— Também senti sua falta. Em breve estaremos todos juntos em casa, só nós quatro, como deveria ser. — Eu me agacho para poder pressionar meus lábios em sua delicada bochecha, deixando um beijo carinhoso. Eu só posso imaginar como isso deve ser para eles como crianças.

— Papai?

— Sim. — Eu vejo como os olhos estreitos de Aleeha se alargam.

— Shirley deixou-nos comer panquecas de chocolate no café da

manhã. — Um sorriso atrevido aparece em seu rosto levemente sardento.

— Você é sortuda, — eu respondo, procurando por Brax. Ele está de volta para onde estava antes de eu aparecer e interromper seu jogo com a minha presença. Brax está com raiva e ele quer me mostrar o quanto através das suas ações. Eu só queria que ele falasse comigo.

— Eu adicionei gotas na mistura de panquecas. Eu comi um punhado delas. Shirley disse que não há problema em comer chocolate no café da manhã porque você pode fazer isso quando está na casa de alguém e não em casa. É permitido não é, papai?

Eu gostaria que ele falasse comigo.

— Não é, papai?

— Desculpa. O que você disse? — Volto minha atenção para Aleeha.

— Shirley disse que não há problema em comer um punhado de gotas de chocolate no café da manhã, porque você pode fazer isso quando está na casa de alguém e não em casa. É permitido, não é, pai? — Sua cabeça cai em direção ao chão, então eu pego meu dedo e

gentilmente levanto o queixo para que nossos olhos se conectem.

— É claro que você tem permissão para fazer isso, e quando a mamãe chegar em casa, podemos fazer essas maravilhosas panquecas de chocolate para ela. Ela vai amá-las. — Eu me aproximo do rosto dela até que nossos narizes se tocam. — Adivinha o quê?

— O quê? — Ela diz, baixinho.

— Eu acho que vai ser bom para você comer dois punhados de gotas de chocolates no café da manhã.

Seu sorriso irradia e um vislumbre de felicidade preenche sua expressão. — Ok, papai.

— Aleeha, — Kylee chama por ela.

— Sim, vovó?

— Você pode vir aqui, querida? Eu quero mostrar ao vovô o quão alta você está ao meu lado agora.

E assim, Aleeha sai do meu lado.

Sentar na varanda me faz verificar o quintal limpo. Os jardins estão em plena floração. O gazebo verde rústico recém-pintado, o que

ajudei John a fazer há algumas semanas, parece tão bom quanto no dia em que o pintamos. Eu gostaria de poder voltar a três semanas atrás e ver o que vejo agora. Morgan e eu estávamos tendo problemas, e se tivéssemos tirado algum tempo juntos, poderíamos ter encontrado uma maneira de resolver isso. Talvez ela não tivesse ficado no trabalho. Talvez ela não tivesse sido tomada.

— Reid, podemos conversar?

Eu viro minha cabeça e encontro os olhos bondosos de Shirley.

— Certo.

— O interior será o melhor.

— Ok.

John passa por nós dois no caminho, uma caneca estendida de sua mão. — Café para Ronald, — diz ele de passagem.

— Vamos sair em breve, — diz Shirley a John, embora ele não esteja mais à vista.

Enquanto Shirley se senta na pequena mesa quadrada situada logo depois da cozinha, paro por um momento para examinar o quarto.

Tudo ainda é o mesmo que da última vez que estive aqui. Estatuetas, fotografias e bugigangas enchem as estantes na parede. A grande foto de casamento emoldurada de ouro de John e Shirley, há cerca de trinta anos, está pendurada na parede.

— Reid, o que a polícia está fazendo lá? Esta situação está ficando demais agora. Eles sabem alguma coisa?

Suspiro enquanto me sento em frente a Shirley e abaixo a cabeça.

Sinto o celular vibrar contra a minha perna.

Esqueci de ligar o volume dele novamente.

— Espere. — Eu alcanço meu bolso, recuperando meu celular.

Número Privado pisca na tela.

— Ah, merda. Shirley, não diga nada. Pode ser ... — Eu não posso nem dizer em voz alta, principalmente porque estou com medo, e porque a expressão de Shirley se enche de preocupação.

— Olá. — Eu prendo a respiração. — Você não está onde deveria estar.

— Eu estou.

— Não. Você não está.

— Por favor. Não machuque Morgan. Eu estou indo para casa agora.

— Fumaça e espelhos. Ilusão. O que pode ser visto nunca é invisível, mas o que você não vê é a pista. Você sabe o que está debaixo do seu nariz, Reid? Eu estou visível? Ou eu não estou?

— Eu não entendo. — Meu sangue passa rapidamente pela minha cabeça antes de contrair meu coração.

— O dia em que minha mão sacode a sua, e vai, apenas saberá que isso machucou Morgan. Manchando-a e marcando-a. Que foi o último a tocar sua pele. Não a sua. Minha. Minhas mãos serão responsáveis por extinguir sua alma e eu irei andar ao seu lado um dia. Até lá, aproveite os pesadelos.

A linha fica muda.

— Oh, foda-se. Shirley, tenho que ir.

CAPÍTULO ONZE

Morgan

Pode ser apenas uma pequena lâmina, mas é afiada. Eu seguro a tesoura como uma arma no meu punho fechado, mudando para a esquerda, em seguida, circulando inteiramente à minha direita. *Onde está você?*

Um passo, dois passos, três passos. Eu mantenho meus olhos focados no movimento que ouço vindo na minha frente. Quatro passos, cinco passos, seis passos.

— Foda-se! — Eu grito enquanto me inclino sobre um objeto afiado que se projeta da terra. A queimadura em minhas canelas é o suficiente para me dizer que as suturas que unem minha pele não unem mais. O sangue escorre pelos meus pés. Eu gemo, caindo no meu traseiro e olho um toco de árvore cortado no meio de um mar de árvores imponentes. *Você chegou tão longe, Morgan.*

Eu fiz. Eu tenho andado, corrido, esgueirando-me e pulando em todos os barulhos que ouvi pelo que acredito serem horas. E agora

minhas pernas doem, queimam e doem de uma só vez, até que não. Eu estou entorpecida. Eu tento ficar de pé. Eu caio. Eu tento me puxar para cima mais uma vez, apenas para encontrar minha bunda no chão.

— Não. Não. Não. — Por que isso está acontecendo? Se eu não posso andar, eu estou presa. Por favor, Deus, deixe-me andar.

Um raio de luz, as cores vermelho, amarelo, rosa, índigo e azul, formam um arco diante dos meus olhos. Pendura no limbo no ar. Eu sigo o arco-íris para baixo até ver a tesoura ainda embrulhada em minhas mãos. Eu ainda tenho uma arma. Eu tenho uma chance.

Estou tremendo quando inspeciono minhas feridas reabertas. Elas são profundas, e eu não tenho certeza do que estou vendo ... sangue, muito sangue.

Não há mais uma bandagem dentro da mochila. Não há nada a não ser uma lata vazia e uma bússola. *A parte superior do top que estou usando. Eu posso usar um pouco do material.*

Cada corte que eu faço é perto do meu estômago, e eu recuo, preocupada que vou enfiar este utensílio afiado nas minhas entranhas. A constante tontura que estou sentindo, seja por perda de sangue ou fome, está dificultando essa tarefa. *Concentre-se, Morgan. Você não*

precisa infligir suas próprias feridas.

— Eu sei, — eu me repreendo.

Tire a porra da camisa.

— Claro, — murmuro soltando a tesoura no chão e lentamente puxando o top que o Lobo tinha deixado para mim sobre a minha cabeça.

O material não é cortado ou irregular; é um corte legal que viaja de trás para frente. Quando eu faço o último recorte, uma faixa de material cai. Um recorte em cada costura me dá dois comprimentos.

É um grunhido mais do que um gemido que sai dos meus lábios enquanto eu amarro cada comprimento ao redor das minhas canelas. O branco fica vermelho quase imediatamente.

Você pode fazer isso, Morgan. O incentivo é tudo que me resta. Estou me sentindo quebrada, tão fodidamente quebrada.

Cotovelo, pulso, arrastar, verificar os arredores. Cotovelo, pulso, arrastar, verificar o ambiente. Qualquer chão que eu rasteje é bom porque eu preciso de abrigo do sol escaldante, e uma ajuda para me ajudar a andar. Sentada na minha bunda, me sentindo dolorida e triste

por mim mesma, irá resultar em minha morte, e a morte não é uma opção para mim.

Deve levar mais de cem voltas dos meus braços contra o terreno acidentado para encontrar o galho caído de tamanho perfeito para usar como bengala, mas eu o localizo. O sol dança atrás das árvores à medida que sombras de formas diferentes se formam. Meus olhos queimam quando uma luz ofuscante os satura com um feixe luminoso. Minha cabeça levanta da sujeira, e eu estou apertando os olhos, tudo na minha frente borrado.

Onde está a luz? Tem que ser o lobo.

Contemplo uma tentativa de correr quando o susto penetra em meu coração, mas algo em meu cérebro anula meu medo atual e me encoraja a mover-me em direção à luz e não para longe dela. Eu encontro meus pés e mancando, colocando tanto peso em meus braços e o bastão agora agindo como minha bengala. Cada passo de bebê é uma vitória. Todo tropeço sem cair é meu encorajamento. O feixe de luz que eu vi anteriormente se torna feroz e amplo em tamanho, fazendo com que eu coloque minha mão livre na minha testa, tentando proteger meus olhos. De onde vem a luz?

Música.

Música suave toca. Suave, música de piano. Doce, gentil e carinhosa. Eu mudo minha cabeça para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo – não consigo ver nada. A música fica mais alta e, quando isso acontece, percebo que está vindo de uma direção. Está vindo da mesma direção que o raio de luz, então eu embarco, seguindo o som. Quanto mais chão eu cubro, mais a batida vibra no meu peito. É uma voz feminina cantando, as palavras são indecifráveis, mas eu a ouço. Eu conheço essa música. Eu não posso colocar como ou quem está cantando, mas eu conheço essa música.

A música para de tocar. Apenas para, e tudo que ouço é cada respiração rápida que eu inalo. Eu dou um passo. Ambos os meus joelhos se quebram violentamente. Dor atira minhas coxas e na minha espinha. *Saia, Morgan. Empurre sua dor.*

Eu faço. Eu dou outro passo, e com esse passo, a música começa a tocar novamente – a mesma música de piano. O chão abaixo de mim é marrom, folhas queimadas sobre folhas marrons, queimadas sob meus pés – suaves e amortecedoras. O cheiro, no entanto, é mofado e podre.

A música para. Então começa. Concentro-me nas palavras

enquanto continuo a me arrastar cautelosamente para frente. Isso significa alguma coisa? O lobo está tentando me dar outra pista? Ou isso é uma armadilha?

Com cada manobra que eu faço, memórias inundam minha mente. Memórias de Reid e eu, nos campos da universidade, eu em meu vestido vermelho. Reid se referia a mim como a dama de vermelho daquele dia e muitos anos depois. Red – é o que o lobo também me chama. Isso não pode ser coincidência. Então, o lobo ainda pode ser Cullum Williams? Ou isso está ligado a Reid de alguma forma? Como o homem que eu amo poderia ser tão malvado? *Estou confusa*.

— *Birdy*[5], — eu abro a boca. A artista. "People Help the People", por Birdy. É a música. Alívio tem meus ombros caindo. Eu sabia que conhecia essa música. Uma vez eu reproduzi várias vezes por semanas. Eu fui atraída por isso, suas palavras cruas e cheias de coração. Aleeha tinha cerca de dois anos e Brax quatro. As crianças estariam dormindo e eu tocaria repetidamente.

— Melodramático ... essa música é tão sombria, Morgan, — Reid diria, ainda assim ele se sentaria me observando, enquanto eu limpava a cozinha e cantava.

[5] *Birdy* é uma cantora. Recomendo escutar a música mencionada nesse trecho: https://www.youtube.com/watch?v=0mLNs6zQIHo

Eu inclino meu queixo para trás e fecho meus olhos, imaginando a cozinha em nossa casa recém-construída, que agora guarda anos de memórias. Eu me vejo cantando e balançando meus quadris como se eu estivesse no centro do palco em um auditório lotado, Reid nunca tirando o olhar de mim. Ele me exploraria como se fosse a primeira vez que ele me visse. Nosso amor – foi intenso de certa forma. Nós não poderíamos respirar sem sermos amados um pelo outro. Como se o mundo se desmoronasse se não pudéssemos sentir a presença um do outro.

Nós perdemos isso. Nós deixamos passar pelos nossos dedos. Eu quero de volta. Eu quero minha vida de volta. Meu marido. Minhas crianças. Reid não pode ser responsável por isso. Ele não pode ser.

Eu ainda, grito com toda a pressão que posso forçar através das minhas cordas vocais. — Eu quero ir para casa. Deixe-me ir para casa.

Alguém está vindo para mim. Eu grito na esperança de que alguém, alguém, me ouça. Talvez apenas uma vez, alguém vai. Se eu pudesse ouvir a música, talvez outra pessoa também pudesse ouvir.

— Eu não quero jogar o seu jogo, — eu grito, meu tom tão alto da minha raiva engarrafada que poderia quebrar cada pedaço de vidro

residente nesta Terra. Minha garganta arde com a dor de sua força. O sabor do sangue reveste minha língua.

Um sentimento vazio se apodera de mim. Doze outras estiveram onde eu estou, e nenhuma delas ganhou o jogo selvagem e distorcido do lobo. Nenhuma. Por que eu acho que tenho uma chance? Minhas habilidades de sobrevivência são menos que limitadas. Inferno, eu não posso nem manter meu marido feliz ou estar lá para meus filhos quando eles precisam de mim.

Eu me afundo no chão, e por um momento eu rezo para que ele me engula e me tire da minha maldita desgraça.

Eu sento aqui e espero que ele venha acabar comigo? Ou sigo a música para o que será apenas outro teste, armadilha ou alguma besteira da qual não tenho controle?

Eu andarei até a minha morte?

CAPÍTULO DOZE

Reid

O detetive West dobra a lapela do paletó, passando o material antes de pegar sua mão. As linhas ao redor dos olhos dele parecem mais profundas do que no dia em que o conheci, e a cor cinza ainda mais assombrosa. West parece cansado, e me pergunto se pareço tão mal quanto ele.

— Reid, você precisa esquecer a ligação. Tire isso da sua mente por agora. Eles estão prontos para você na sala de estar. Lembre-se, apenas fale do seu coração. Defenda o retorno seguro de Morgan e lembre-se de que isso vai para todas as casas do país. Uma transmissão ao vivo. Qualquer deslize pode nos levar para trás. Tem certeza de que pode fazer isso?

Eu aceno com a cabeça.

— Eu vou estar sentado ao seu lado. Mantenha seu queixo para cima e olhe diretamente para a lente. Despeje seu coração. Diga alguma coisa para Morgan, e se você acha que pode chorar, faça. A

compaixão é tudo nessas situações.

Chorar. Eu não posso chorar. Estou com raiva, o sangue fervendo de raiva. Como o filho da puta sabia que eu saí de casa? Gleaton, ele está envolvido. Ele deve estar. Eu expresso essa preocupação para o West? Ou o West também está desempenhando um papel? Eu não confio em ninguém.

— Reid, você está ouvindo?

— Hmm. — É como eu respondo, embrulhado em pensamentos.

— Concentre-se no que está acontecendo agora. Você vai ao vivo na televisão. Implorando pelo retorno seguro de Morgan.

— Eu sei, — eu estalo irritado.

— OK.

— Como ele sabia? — Eu digo baixinho.

— Sabia o que? Quem?

— A chamada. Como o sequestrador de Morgan sabia que eu saí de casa? É isso–

— Pesquisamos todos os quartos desde então e não encontramos escutas. Não temos certeza, mas vamos descobrir.

— Gleaton disse–

— Reid, podemos discutir isso mais tarde.

Maloney fica na entrada da biblioteca de Morgan. — Gregory Stiles está aqui. Eu acabei de vê-lo sair de um carro. Você gostaria que eu o levasse para a área do salão?

West gira em seu calcanhar. — Não. Nós vamos encontrá-lo na porta e oferecer apresentações. — West acena, de uma forma que indica que Maloney deveria desaparecer, e ele faz.

— Você pode fazer isso. — West aperta meu braço.

Eu posso fazer isso.

Andar ao lado de West me faz sentir como um soldado marchando na fila. Eu paro quando ele faz, e mudo a minha posição até que fiquemos quietos, ombro a ombro quando West abre a porta e ficamos na porta. Gregory tem cabelo loiro curto. Ombros largos. Um restolho de barba por fazer cobre o queixo enquanto ele se aproxima. Ele sorri. É apenas um sorriso indeciso, mas é direcionado para mim.

— Detetive West. — Gregory salta os degraus para a varanda. Seu braço se estica enquanto ele dá um longo passo em nossa direção. — Gostaria de nos encontrarmos novamente em circunstâncias mais agradáveis. — Seus dedos se separam, sua mão ainda aguarda a de West, quem finalmente obriga, aceitando a oferta de um aperto de mão.

— É bom ver você, Greg. E eu concordo, precisamos parar de nos encontrar em circunstâncias como essa. — Profissionalismo no seu melhor. Eles soltam o aperto e colocam distância entre eles.

— Os meninos estão prontos. Estou pronto quando você estiver. — A postura de Greg é forte. Seu tom é controlado.

— Agora está bem, — diz West.

— Bom. Sr. Banks. — Ele volta sua atenção para mim. — Eu sou Gregory Stiles, um repórter do Channel Sixty-One. Eu sinto muito por ouvir sobre sua esposa. Faremos tudo o que pudermos para ajudar a trazê-la para casa. — Seu braço se estica novamente, desta vez um convite para mim. Eu aceno quando seu aperto firme aperta contra os meus dedos.

— Eu sei quem você é. Eu vi você na televisão, — murmuro.

— Claro. — E há aquele sorriso indiferente novamente.

— Eu também vi você no meu gramado com os pesquisadores. — Eu levanto minhas sobrancelhas em questão.

— Sim. — A voz de Greg não é tão profunda quanto eu pensei que seria para um homem do seu tamanho. — É importante estar conectado com as histórias que você relata.

— Oh, tudo bem, — eu digo. Greg parece genuinamente preocupado e carinhoso.

Eu me viro e passo em direção à área de estar e me surpreendo com a mão agora descansando na parte superior das costas, guiando-me. Há um conforto reconfortante no toque de Greg e o jeito que ele dá um passo atrás de mim, me oferecendo a liderança. Isso me dá uma sensação de controle, algo que eu não senti nos últimos dias.

— Reid, apenas lembre-se de respirar e tomar o seu tempo. Nós temos todo o tempo do mundo, e eu só posso imaginar que você vai precisar de um ritmo para poder dizer o que você quer. Por favor, não xingue; nós não poderemos censurá-lo enquanto a transmissão estiver ao vivo. Apenas seja genuíno e farei o resto. Vou manter meu envolvimento ao mínimo. É o seu andar. Deixe seu coração falar.

— Ok. — É uma entrega suave.

Está no meio da manhã e estou sentado no sofá ao lado de Kylee, que está ao lado de Ronald, na nossa sala de estar. Quando eles chegaram?

É tudo que eu penso quando olho para longe das luzes brilhantes na minha frente, as luzes emitem tanto calor que eu posso sentir as gotas de suor se formando no meu couro cabeludo. Talvez esta jaqueta não fosse uma boa ideia. West disse que sim. A sensação de sufocamento é misturada com os nervos circulando no meu estômago. Talvez eu não possa fazer isso. Eu sopro minhas bochechas, desloco minha mão para cima e para baixo na minha perna jeans. O que eu vou dizer?

Greg se senta em uma cadeira em frente a mim no momento em que West passa ao lado dele e depois senta do lado oposto a mim no sofá. Estamos embalados como uma lata de sardinha, e isso faz com

que minha temperatura suba mais. Estou sufocando ainda mais.

Quando olho para a esquerda, vejo um homem mais velho, com mais de 60 anos, de barba grisalha, usando um boné de baseball do Broncos. Ele está parado ao lado de uma câmera grande em um suporte. Eu imediatamente penso sobre o quanto essa visão irritaria Morgan. Morgan abomina chapéu dentro de casa; é algo que ela nunca permitiu. Devo pedir a ele para removê-lo?

— Reid. — O tom de Greg é suave, controlado, mas calmo quando ele fala meu nome. Eu mudo minha atenção para ele. — Dois minutos e estaremos ao vivo. Precisa de alguma coisa?

Eu preciso. Para dar o fora deste sofá. Mas eu não digo nada e balanço a cabeça.

O cinegrafista em pé atrás de Greg é baixo e encorpado. Ele teria pelo menos a mesma altura que Morgan. Ele é tão jovem, talvez tenha dezoito anos, e quando sua cabeça desaparece atrás de outra grande câmera em um suporte, eu não quero nada mais do que gritar: — *SAIA! Todo mundo saia da minha casa*. Eu não posso respirar.

— Ele não tem microfone. — A declaração de Gregory é uma de frustração, mas ele não diz isso com um toque de decepção. Ele é um

profissional e é óbvio que ele está fazendo esse trabalho há muito tempo.

— Desculpe, Greg. — O homem de chapéu de beisebol barbudo diz antes de ele se mover através de uma abertura estreita na minha frente e prende um microfone na lapela da jaqueta que West me deu mais cedo.

— Está tudo bem, Reid. — A mão de Kylee cobre meu braço, e quando eu giro minha cabeça, eu espio o tecido cutucando entre seus dedos. Inclinando meu queixo para trás, procuro a expressão de Kylee e vejo seus olhos vidrados. Ela já está prestes a chorar. Como vou lidar com ela chorando ao meu lado?

— Você pode fazer isso, filho. — As palavras de Ronald são quase inaudíveis, e quando olho para a jaqueta que ele está usando, o casaco preto que é quase idêntico ao meu, vejo o pequeno alfinete de uma rosa vermelha preso sob o microfone. Morgan sempre amou rosas. Talvez eu devesse ter feito algo como ele.

— Ok, estamos prontos, — diz Greg depois que ele ajuda a passar o fio do microfone por baixo da minha camisa e ajuda a dobrar o pacote na parte de trás da minha calça. Ele me oferece um olhar de tristeza

que eu só vi pessoas expressarem quando oferecem condolências. Por que eu sinto que estou prestes a comparecer ao funeral de Morgan?

Meu olho começa a se contrair enquanto meus nervos aumentam. Kylee estremece ao meu lado, como se alguém estivesse pisando em seu túmulo ... Estamos uma bagunça e estamos prestes a ser vistos por todos no país. Meu palpite é que, aparentemente, uma confusão será esperada.

— Hoje, estou na casa dos Banks com Reid Banks, que é um membro local e de destaque de nossa pequena comunidade. Ele se juntou ao detetive Astin West do CIB de Rockhampton, e a mulher e a mãe local desaparecida, Morgan Banks, Ronald e Kylee Cuttings, também se juntam a nós. Obrigado por me permitir entrar em sua casa, Sr. Banks.

Eu aceno em resposta.

— O choque do desaparecimento de Morgan é um que acreditamos que será sentido em toda a nossa comunidade, e pedimos a qualquer pessoa que tenha informações que se apresente e ajude a polícia. O senhor Banks preparou uma breve declaração que gostaria de apresentar ... senhor Banks.

— Obrigado, Greg. — Minha voz vacila. — Eu sou Reid Banks e eu sou o marido de Morgan Banks. Na quinta-feira à noite, Morgan, minha esposa, não voltou para casa do trabalho, embora estivesse a caminho de nossa casa no momento.

— Já se passaram mais de trinta e seis horas desde que ela está desaparecida, e nossas famílias estão perdendo a esperança de que Morgan será encontrada em segurança e retornando para nós. Morgan e eu somos pais de dois lindos filhos, que estão sentindo falta de sua mãe e só a querem. — Eu paro e respiro fundo. Minha garganta seca instantaneamente, e minha boca segue o exemplo. Fecho meus olhos para me recompor e respiro fundo antes de reabri-los. Olhando diretamente para o gigante cano da câmera de vídeo situado atrás da cabeça do repórter, eu engulo de novo, tentando trazer umidade para os meus lábios, mas isso não funciona. *Diga alguma coisa, Reid*.

— Minha Morgan é magra, com cabelos castanhos e olhos castanhos escuros. Morgan tem 170 centímetros de altura e usava uma blusa de negócios rosa pálido e uma saia preta de negócios quando saiu para ir trabalhar na manhã de quinta-feira, a manhã do dia em que desapareceu. Sabemos que um homem parou para ajudar Morgan a trocar um pneu furado em sua viagem para casa naquela noite. A

polícia está investigando seu paradeiro. Se você for um Bom Samaritano — eu tropeço nas últimas duas palavras — por favor entre em contato com a polícia e dê a eles qualquer informação que você puder. Morgan é uma mãe amorosa para nossos dois filhos, Brax e Aleeha. Ela também é uma esposa amorosa e carinhosa. Seu retorno seguro é nosso único foco, e até encontrá-la não vamos descansar. — Paro de falar, olho para as lentes e falo com minha esposa do fundo do coração, assim como West disse que eu deveria fazer. — Morgan, querida, se você puder ver isso, por favor, saiba que eu te amo, todos nós amamos você, e eu estou fazendo absolutamente tudo que posso para encontrá-la. Eu nunca vou desistir. *EU PROMETO.* — Eu enfatizo a palavra "prometo" quando ouço Kylee soluçando ao meu lado. — Por favor, nos ajude a encontrar Morgan. Ela é o nosso mundo e, sem ela, não somos nada. Eu preciso que minha esposa volte para casa; devolva-a para nós. Por favor, se você a levou, apenas deixe-a voltar para casa. — Minha voz racha, na palavra "casa". Com lágrimas nos meus olhos.

— Traga-a para casa, — Kylee soluça.

— Me devolva minha filha, — Ronald segue.

— Detetive West, que informação você pode oferecer à comunidade, e que pistas você e a polícia estão perseguindo neste

momento?

— Obrigado, Gregory. Como o senhor Banks afirmou, Morgan é uma mulher caucasiana, com cerca de 170 centímetros de altura. Com cabelos castanhos e olhos castanhos. Ela estava vestindo um top rosa pálido e uma saia de negócios no momento de seu desaparecimento. Pedimos à comunidade que ajude a identificar o homem que parou para ajudar a sra. Morgan Banks a trocar um pneu furado na noite de seu desaparecimento, antes de se envolver em uma pequena colisão perto de sua casa. O SUV de Morgan, placa de identificação B.A.N.K.S 0.2, foi recuperado na noite de seu desaparecimento, e estamos pedindo a quaisquer testemunhas que possam ter visto a colisão também. Neste momento, estamos seguindo muitas pistas e permanecemos positivos de que vamos localizar Morgan em segurança. Precisamos da ajuda da comunidade. Por favor, se você tiver alguma informação, ligue para o Criminal Stoppers[6].

— O número para o Criminal Stoppers agora está piscando na parte inferior de suas telas de televisão. Detetive West, houve alguma exigência de resgate ou de ligações para a polícia em conexão com o desaparecimento de Morgan?

[6] Disque Denúncia

— Preferimos não comentar sobre isso no momento. Mas o que posso dizer é que o Sr. Reid Banks, junto com os membros da família, não são suspeitos do desaparecimento de Morgan. Eles não têm envolvimento e estão desesperados para ter Morgan em casa. Eles estão cooperando em todos os assuntos relacionados ao desaparecimento de Morgan.

— Obrigado. Novamente, se você tiver alguma informação, por favor, ligue para a polícia de Rockhampton ou Criminal Stoppers.

Cada pedacinho de mim espera que alguém que esteja assistindo possa nos dizer onde está Morgan, e também espero que o idiota psicopata esteja observando e saiba que estou indo atrás dele. Vou me vingar, mesmo que demore até os últimos segundos da minha vida para fazer isso. Quando os ombros de Greg caem e as luzes vermelhas da câmera atrás dele desaparecem, percebo que estou carrancudo.

Eu vou matar o bastardo que levou Morgan com minhas próprias mãos; eu apenas preciso encontrá-lo.

CAPÍTULO TREZE

Morgan

Um espelho!

Sem dúvida é uma armadilha, e visões do lobo cortando minha garganta enquanto observo meu assassinato no reflexo faz com que meus dentes parem quando eu tremo.

Se aproximando, outro brilho de luz me cega. Esse processo se repete até eu ficar na frente do espelho. *Um espelho. Por quê?*

É um espelho de prata esterlina oval, rústico e de aparência antiga, e há rabiscos escritos no vidro em batom vermelho brilhante.

Morgan, o jogo está quase no fim. Olhe para o seu reflexo; você é nojenta.

Eu deixei um presente para você na parte de trás deste espelho, Red.

Eu estou vindo para você.

Quem sou eu?

Torna-se difícil de engolir. Lágrimas me afogarão se eu as deixar cair de novo. Eu não posso me transformar em uma poça de pena como eu me permiti fazer antes. Eu preciso manter minhas emoções sob controle. Visões de Reid e as crianças longe da minha mente. *Foco. Concentre-se no que posso fazer para me ajudar agora, não o que vou perder se não o fizer.*

Estou hesitante em pensar em olhar atrás do espelho. Minha respiração é rápida. Eu descarto o pau agindo como minha bengala. O que está esperando por mim por trás desse espelho descansando no meio da mata nativa como um adereço de um set de filmagem?

Eu inalo três respirações e agarro a moldura enquanto mudo de posição. Eu suspiro, coloco a mão na minha boca, para não gritar. Estou assombrada. Uma fotografia grande. É uma colagem de fotos numeradas, de um a treze. Abaixo de cada número está uma foto correspondente de uma mulher que morreu brutalmente e repugnantemente. A música tocando apenas intensifica o horror que essas imagens fornecem. Minha boca se abre e seca até que meu

estômago pare de revirar. Eu não quero olhar de novo, mas me forço a ver cada uma delas. Qualquer informação é importante. Eu conheço alguma dessas mulheres? Eu logo percebi que não, nem mesmo pelo que pude distinguir a partir das fotografias.

Cada visual é pior que o anterior; meu estômago aperta quando meu coração bate com uma sensação de urgência. Tudo o que posso identificar é que cada uma dessas mulheres está sem vida na mata nativa, e cada uma dessas fotografias floresceu com rosas espalhadas pelo cadáver. Começo com a primeira foto e conto as rosas; há treze. Eu passo para o segundo e conto as hastes; também treze. Eu não paro até chegar ao número treze, que também tem treze rosas dispostas em um fundo branco. Existem duas palavras escritas no centro do fundo branco.

Red, CORRA!

Eu giro em um círculo ... procurando. Eu posso sentir sua presença. Arrepios cobrem minha pele.

Mas não há ninguém aqui. Sou só eu, esse espelho e doze fantasmas que já viveram. Doze espíritos que têm uma história horrível para compartilhar, mas sem voz para fazê-lo. Eu preciso ser a voz delas.

Eu preciso sobreviver por elas, também.

A música para. Meu coração bate uma batida intensa e depois corre. Eu não corro. Ainda estou. Temerosa. Quebrada. Ferida. Perdida.

— Você simplesmente não poderia ser o que você deveria ser, Morgan. — Sua voz toca da caixa de som no chão na minha frente, a mesma que estava tocando a música. — Essas cadelas não eram o que deveriam ser. — Há uma longa pausa. — Isso é o que acontece com os ladrões, traidores e prostitutas ... eles recebem o castigo.

Eu aperto meus punhos e os levanto em frente ao meu rosto.

— Eu sabia que você não iria correr, mas eu queria que você tivesse. Você também vai desejar.

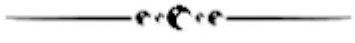
— Foda-se! — Eu grito quando sou puxada para baixo como se a terra estivesse me engolindo por baixo dos meus pés. Estou caindo.

Envolto em um manto de escuridão, meu corpo salta de um lado para o outro. Eu rolo antes de ficar de pé novamente. Eu estendo meus braços como Jesus na cruz e corto minhas unhas no que parece ser um solo compactado.

— Oh Deus, oh Deus, — eu grito. — Ouuuuch. — Eu choro mais

forte quando sinto minhas unhas descascando longe da minha carne. Eu me viro. Eu me viro de novo ... *baque*.

Eu não posso respirar. Eu não posso respirar.



Há um halo de luz à distância. Uma cortina esfarrapada e borrada balança com um vento forte que atravessa o material rasgado e traz uma frieza aos meus membros. No começo, é agradável, bem-vindo. Em seguida, o frio congela e queima. Está me queimando. Eu tento me mover do seu caminho, mas não consigo nem levantar a cabeça. Eu sou um pedaço de chumbo, um pesado demais para carregar ou mudar. Eu me sinto presa em meu próprio corpo com minha mente correndo, ordenando um milhão de comandos, meu corpo incapaz de seguir um único.

— Ajuda. — É uma libertação fraca da palavra, falada tão silenciosamente que mal consigo ouvir a mim mesma.

— Morgan. Morgan. — O chamado do meu nome soa cheio de

preocupação. — Baby, você não está sozinha. Estou aqui. Estou contigo.

— Reid. — Eu posso sentir o cheiro de sua colônia. Eu posso sentir a ponta do seu dedo traçando uma linha na minha bochecha.

— Sim. Eu estou aqui. — Ele está segurando minha cabeça.

Há calor, tanto calor lutando contra o frio que estou experimentando, e o som do meu coração batendo é alto, mas lento. Eu relaxo nele.

— Você não pode desistir. Prometa-me que você não vai desistir.

Eu choro, as gotas fazem cócegas em meus lábios.

— Não chore, Morgan. Por favor, não chore. — Seus dedos macios pressionam na minha testa. — Eu tenho você. Não chore.

— Reid. — Eu levanto meus olhos, quase rolando-os na parte de trás da minha cabeça. Um baque doloroso acompanha esta ação.

— Feche seus olhos. Espere um momento. Descanse. Você precisa descansar.

— Reid, — eu grito mais uma vez.

— Morgan. Durma. Você precisa da sua força. — Meus dedos estão bem abertos, e então sinto seus dedos escorregarem entre os meus. — Eu vou ficar com você. Eu vou te proteger enquanto você dorme. Nada vai acontecer. Você confia em mim, não é?

— Sim, — eu respiro quando permito que minhas pálpebras fiquem fechadas, e ouço cada respiração lenta que ele tira.

— Estou esperando por você, Morgan. Estou procurando por você. Estamos fazendo tudo que podemos para encontrar você. Eu não vou te decepcionar, baby. Por favor, não desista de mim.

— Eu não vou, — murmuro quando sinto meus ombros caírem e meus membros se aliviarem. Eu não estou mais presa. Estou livre ... flutuando ... em repouso.

— Morgan. Acorde. Você precisa acordar agora. — É um pedido em pânico. A respiração de Reid é rápida. Suas mãos são ásperas. Elas me puxam e me agitam.

— Reid?

Eu me endireito. Estou ofegando, procurando ... Está tão escuro.

Onde diabos eu estou?

CAPÍTULO QUATORZE

Reid

O colchão da nossa cama leva o meu peso. Sento-me olhando pela janela do quarto, com pensamentos passando pela minha cabeça enquanto olho a grama bem cuidada da propriedade vizinha em frente a nós. O que nossos vizinhos devem pensar de tudo isso? Eles provavelmente estão preocupados.

— Morgan. Onde você está? — Eu digo como se ela pudesse responder. Ela não pode. Ela estava em algum lugar perto de uma televisão para ver a entrevista? Ela sabe que estamos procurando por ela? Ela sabe o quanto eu a amo? Eu estraguei tudo quando beijei Linda, e transformei meu casamento. Se eu não tivesse sido tão covarde, e tivesse acabado por me abrir e ser honesto com a Morgan ... explicasse a inocência da situação, acredito que com o tempo Morgan teria me perdoado. Eu cometi um erro – um erro de bêbado. *Você é um*

covarde, Reid.

Eu ouço a porta da suíte se abrir. Eu me viro na direção do som. — John, — eu digo. Estou surpreso por não ter ideia de que ele estava lá.

— Reid, como você está aguentando? — Ele está vestindo seus macacões jeans, os quais ele se veste quando eu o ajudo com a manutenção.

— Por quê? O que? John.

Ele coloca a pequena caixa de ferramentas que ele tem na mão no tapete à sua frente. — Eu estava usando o banheiro antes, enquanto você estava fazendo a entrevista. A porta do banheiro do andar de baixo estava trancada. Percebi que a torneira da sua bacia estava funcionando, e pensei que, se você tentasse pegar algum cochilo, o ruído de gotejamento iria te chatear. Você precisa dormir, filho.

— Eu não consigo dormir. — Eu abaixei minha cabeça, e mantive meus olhos fixos na jaqueta que eu tinha descartado no chão quando cheguei aqui.

— Por Morgan. Você precisa dormir por Morgan.

— O bastardo que roubou Morgan ligou duas vezes esta manhã.

Há silêncio até o colchão afundar abaixo da minha bunda. Eu não preciso procurar para saber que John está agora sentado ao meu lado.

— O que ele disse? — Seu tom é terno.

Eu suspiro, apertando meus olhos com força. — Um monte de porcaria.

— Sim.

— O telefone foi tocado com sucesso, West me disse. A equipe de tecnologia o rotulou para vir através do meu celular também.

— Isso é inteligente, certo?

— Sim, — eu respiro. — Eles não têm uma pista pelo que sei. Eu não acho que ele ficou na linha por tempo suficiente. — Eu paro. — Mas aquele desgraçado sabia que eu não estava em casa quando a ligação chegou em sua casa. Como ele sabia que eu estava na sua?

— Esses policiais inúteis procuraram por bugs[7]?

— Está tudo claro, eles dizem. Não há bugs. Então, como esse homem sabia?

[7] Neste caso, *bugs* são dispositivos fixados em telefones que permitem que outros escutem o que você fala, sem que você saiba.

— Eu não sei, talvez ...

— Talvez seja um dos policiais.

John não responde.

— Você também está pensando, não é, John?

— Não tenho certeza do que estou pensando. Não consigo entender por que alguém faria isso com a Morgan. Ela é doce, gentil, uma ótima mãe ...

— Ela é. É vingança. Mas vingança por quê?

— Eu não sei, Reid.

— Eu também.

— Que tal você tentar comer alguma coisa? Eu posso fazer um sanduíche ou até mesmo uma xícara de café. Eu pediria a Shirley para buscar isso para você, mas ela está com as crianças ao lado.

— Eu não estou com fome.

— Algo, Reid. Coma alguma coisa. — Sua mão aperta meu bíceps. — Vamos. Vamos voltar lá embaixo. Nós vamos comer juntos.

— Só um café, — eu digo, meu estômago tão cru que causa ácido para queimar um caminho até a minha garganta só de pensar em comida.

— Café, sim. — Seu aperto some. — Vamos.

Levantando minha cabeça, eu testemunho sua mão envelhecida e suja esperando por mim. Sou eu quem deveria estar ajudando-o. Afinal, ele tem mais que o dobro da minha idade.

— Café, — eu murmuro, pressionando minhas mãos em minhas coxas e usando o peso dos meus braços para me empurrar para cima.

Lado a lado, nós pegamos as escadas. John está segurando a caixa de ferramentas que ele usou para consertar a torneira que vazou. Eu não sabia que estava vazando.

— Onde diabos você esteve, Stratt? — É a voz de West que ouço, mas não vejo nenhuma deles.

— Eu fiz isso, não é? Eu estava saindo para minhas férias quando Max ligou. Eu tive que mudar meus voos.

— Eu tenho tentado ligar para você.

— Eu não tive nenhuma chamada perdida.

— Eu pensei que você estava dirigindo.

— Eu estava. Eu voei para Melbourne. Por que você está tão interessado nos meus arranjos, afinal?

Eu dobro a esquina e lá está West conversando com um homem de short e uma camiseta. Eu acredito que é o Policial Stratt, que atendeu minha ligação na noite do desaparecimento de Morgan. Maloney está de pé à esquerda deles. Ele parece estar ouvindo a situação, mais do que estar envolvido nela. Eles não nos veem ou, se o fizerem, não prestam atenção à nossa presença.

— O que há com essa gravação? — Stratt parece irritado. Ele está mudando de pé para pé. Sua postura é tensa e rígida.

— Já tivemos os técnicos de som analisando isso em Brisbane e enviaram confirmação. Nosso criminoso estava tentando disfarçar sua voz com um sotaque de Pom[8].

— Então você não precisa de mim agora?

— Não, hoje de manhã eu fiz isso. Você disse que estava vindo direto.

[8] Sotaque britânico.

— Eu te disse–

— Sim. Companheiro, temos uma porra de uma mulher desaparecida. Você poderia ter me poupado tempo se viesse como você disse. — O tom de West está cheio de decepção e frustração.

— Astin, me desculpe, ok? Eu tive que arrumar as coisas e cheguei o mais rápido que pude.

Eu tusso, fazendo com que ambos procurem por mim.

— Reid, me desculpe por não ter visto você aí, — diz Stratt. Seus olhos verdes estão vazios, sem qualquer tipo de pedido de desculpas.

— Você está dispensado. Aproveite suas férias. — West nem sequer se dirige a mim. Em vez disso, ele vira as costas na minha direção. Eu não tenho certeza se isso é porque ele está envergonhado, que eu testemunhei eles discordando, ou porque West está descaradamente sendo rude.

— Bem. Claro. — O tom de Stratt é cortado quando ele revira os olhos na minha frente, e fico me perguntando por que eles estão discutindo em primeiro lugar. Há hostilidade evidente entre esses dois e você pode sentir a tensão na sala.

— Max, eu preciso ir ao banheiro. Onde é? — Stratt procura a ajuda de Maloney.

— Venha comigo, e eu vou te mostrar.

Stratt acena com a cabeça, alargando as narinas antes de os dois saírem para o corredor.

John parece intrigado quando entra na minha linha de visão. Quando ele encolhe os ombros, eu me vejo dando de ombros também.

— Vou colocar sua caixa de ferramentas no escritório e depois tomaremos esse café?

— Certo.

Eu me refugio na varanda, balançando no banco do amor que bateu excessivamente contra a parede na noite da tempestade ... a noite em que Morgan nunca chegou em casa. Nas últimas horas, o detetive West ficou irritado, mordendo a cabeça de todos e fazendo

pedidos. O detetive Gleaton pegou o peso disso. Maloney, por outro lado, afastou-se dele e passou a maior parte do tempo conversando comigo sobre a vida, sua família e como ele se tornou policial. Se eu não soubesse melhor, acharia que éramos ótimos companheiros, mas não somos; nós nos conhecemos há apenas um curto período de tempo. Conversar com Max, no entanto, é fácil; eu pude ver como, sob circunstâncias diferentes, seríamos ótimos companheiros.

Max está encostado no corrimão, dando palmadinhas no bolso. Ele mudou desde que Stratt saiu. Agora ele está vestindo uma camiseta cinza e calças cargo pretas na altura do joelho. Eu acho que ele também teve que se refrescar. Eu ainda estou de jeans e camiseta branca polo que eu usava debaixo da minha jaqueta quando fui entrevistado mais cedo.

— Cigarro? — Maloney diz quando ele pega o pacote do bolso.

— Por que diabos não? — Eu digo, sabendo que isso vai deixar meu estômago enjoado, mas diminuirá minha tensão. Eu acendo o isqueiro e recuo com força, tossindo não uma vez, mas duas vezes. Maloney não participa, mas tenho a sensação de que ele quer agora. Ele está nervoso e nervoso não combina com ele.

— Então, o que foi essa discordância antes? — Estou curioso quando entrego o isqueiro de volta para ele.

Um fantasma de um sorriso toca seus lábios quando ele estende a mão e a pega.

— Nós não temos que–

— Policiais sendo policiais, companheiro, nada mais. Todo mundo está muito nervoso no momento.

— Morgan?

— Sim, eles estão chegando perto de algumas boas pistas. É o jogo de espera. Ninguém gosta do jogo de espera.

— Por que West e Gleaton estão aqui e não estão fazendo investigações? — Isso passou pela minha cabeça inúmeras vezes hoje.

— Boa pergunta. Eu me perguntei o mesmo. Mas, novamente, eu não sou detetive, e sei que quase toda a força está procurando e coletando informações. — Maloney está girando o isqueiro entre o dedo do meio e o indicador.

— Algo não está bem comigo, — confesso depois de dar outra

tragada e trazer nicotina para os meus pulmões limpos.

— O que é isso?

— Estou tentando descobrir como esse idiota sabia que Gleaton tinha me permitido sair de casa e ir para a casa ao lado de John e Shirley. Gleaton diz que a propriedade foi verificada e não há bugs, então como ele sabia? E se ele soubesse que havia um tap[9] na linha, por que ele ligaria?

Há uma longa pausa, e não tenho certeza se Maloney está pensando em desviar a conversa, ou se está decidindo o que vai compartilhar comigo. Eu espero.

— Eu também queria saber disso. — Nossos olhos se conectam. — Essa ligação chegou, o que, todos os vinte minutos depois que o tap estava no lugar e o telefone fixo encaminhado para tocar pelo seu celular?

Eu concordo. — O que significa que Gleaton, você, John, Shirley, meu pai e minha sogra sabiam que eu não estava aqui.

— E você.

[9] Tentei encontrar algo para traduzir, mas não fazia tanto sentido colocar “toque”, “torneira” ou “batida”. Tap é como um bug, anexado ao telefone com a intenção de ouvir secretamente a conversa de outros.

— Obviamente, eu sabia onde estava no dia. Porque eu faria isso? Eu não peguei a Morgan. Eu não sou responsável.

— Eu acredito em você, mas estou confiante de que nenhuma das pessoas que você mencionou está envolvida. Pense nisso. West e Gleaton estão aqui quando as ligações chegam. Estive aqui com você o tempo todo. John e Shirley estão ao lado da propriedade vizinha, cuidando das necessidades de seus filhos, e seus sogros ficaram fora de si desde que chegaram. Eu acho que alguém está assistindo a esta casa, mas eu suspeito que não é ninguém que está aqui. — Ele faz uma pausa. — E quanto ao tap do telefone, se ele sabe que está no lugar, o que eu suspeito que ele faz, ele é muito descarado em chamar. Demora um pouco de tempo para conseguir uma localização, mas não muito. Ele interrompeu essa ligação, antes de conseguirmos um local ... isso me diz que ele entende como eles funcionam.

— Aquele policial ruivo, embora ... ele é ...

— Eric.

— Sim.

— Ele saiu com o West e não tinha ideia de que você foi para a casa ao lado. Não pense que não pensei uma vez ou duas em que isso

poderia ser um trabalho interno. Eu fiz as contas, e isso não se soma. Não pode ser.

— Mas e se–

— Reid, você está latindo na árvore errada. Você está suspeitando de todo mundo, e você deveria estar, mas eu estou eliminando todo mundo porque esse é o meu trabalho.

— Sim. — Eu dou uma tragada no cigarro; agora tão pequeno que mal aparece entre meus dedos.

— Você quer outro? — Os olhos de Maloney se voltam para a minha mão.

— Não. Eles têm gosto de merda. — Assim que eu agito a bunda do lado da varanda, vejo o carro de Linda estacionando no meio-fio. — Linda, — murmuro.

Um homem alto e largo, com cabelos loiros e sombra de cinco horas, bem musculoso, caminha ao lado dela pelo caminho. Ele não está segurando a mão de Linda, mas ele está perto o suficiente dela para que a parte inferior do vestido esvoaçante que ela está usando sopre contra sua perna. Este deve ser o namorado policial que ela me

mandou uma mensagem antes. O que a levou tanto tempo a chegar aqui? Que informações adicionais esse homem tem?

— Dodger, gosto de ver você aqui. Como vai o serviço leve? — Maloney o reconhece imediatamente, e antes que eu sequer pisque, Maloney tomou o caminho e está apertando sua mão.

— Você sabe. Ser baleado na bunda não é tão ruim quanto o dever de mesa. — Dodger ri. O mesmo acontece com Maloney.

Eu me levanto do balanço e espero no topo da escada. Linda caminha na frente, Maloney e Dodger seguindo atrás, resmungando entre si.

— *Onde você estava?* — Eu sussurro para Linda.

Linda apenas balança a cabeça e continua a passar por mim.

— E aí, cara. Dusty McQuill. Todo mundo me chama de Dodger, embora. Linda me contou muito sobre você e sua esposa. — Ele estende a mão. Eu hesito em pegar na minha.

— Então, o que você está fazendo aqui? — Maloney diz quando Dusty recua do degrau mais alto para o do meio, soltando a minha mão.

— Negócios não oficiais. — Ele aponta para o traje casual que ele está usando – shorts jeans na altura do joelho e uma camiseta com a marca de surf que lê Surf Tide. — Max, este é o meu recente romance[10], Linda. — Ele desloca o dedo indicador para Linda. Dusty é tão relaxado e causal tanto na linguagem corporal quanto na maneira como ele está socializando; dá a impressão de que estamos em uma festa de Natal da equipe, prestes a tomar algumas bebidas e jantar.

A porta da frente se abre, e quando me viro, vejo West segurando um pedaço de papel fotográfico branco na frente dele. É uma peça grande, tamanho A4.

— Reid, as impressões digitais voltaram do veículo de Morgan. Eles encontraram uma impressão no pneu preso dentro da bota do Morgan. Você conhece um Winston Sampson?

Eu acho difícil e murmuro o nome dele, — Winston Sampson? Não, eu nunca ouvi falar dele.

Linda avança rapidamente e começa a andar.

— Linda, você conhece um Winston Sampson? Morgan já mencionou esse nome para você? Ele é um cliente da empresa? — Estou disparando perguntas para ela, mas ela continua a andar no que

[10] "Latest squeeze" quer dizer que não é um relacionamento sério.

acredito ser uma reflexão profunda. Então ela para e vira na minha direção. Seu rosto drena de todas as cores como se ela tivesse visto um fantasma. — Linda! — Eu estalo preocupado.

— Não um Winston Sampson, mas um Falcon Sampson. — Enquanto as palavras escorregam de sua língua, meu corpo formiga, e eu sinto a cor do meu próprio rosto se esvair.

— Falcon Sampson é o ex-namorado de Morgan, — eu sigo.

Os olhos de West se estreitam. — Quando Morgan namorou este Falcon? — Suas sobrancelhas franzem.

— Logo antes de entrarmos no primeiro ano da universidade. Morgan terminou com Falcon depois que nos conhecemos, tenho certeza. Eu nunca conheci o ex dela. Para ser honesto, eu nunca vi uma foto dele ou dos dois juntos. Morgan parecia não ter lembranças de namorados passados em suas coisas quando nos mudamos juntos, mas eu não tinha nenhum lembrete de namoradas do passado também. Eles eram namorados do ensino médio, eu acredito. — Eu olho em direção a Linda para confirmação.

— Sim, isso é verdade, eles eram. Datado do nono ano até a época que Morgan conheceu Reid. — Ela faz uma pausa. — Então, o

que é isso? Cinco anos ou mais?

— Mais ou menos, — eu digo.

— Tivemos uma testemunha que se apresentou. Ele afirma ter visto o homem que acreditamos ser Winston na estrada ajudando Morgan. Quando as impressões voltaram e a fotografia que temos em arquivo corresponde à descrição que nossa testemunha deu, suspeitamos que encontramos o homem que ajudou Morgan na tempestade. Dê uma olhada nessa foto, vocês dois, e me diga se você o reconhece.

— Claro. — Linda faz a curta distância, parando perto de mim.

West me entrega a fotografia e eu a seguro na frente de nós dois. — Não pode ser? — Estou chocado.

— Você o reconhece, Reid? — Diz West.

— Eu o conheço. — Eu passo a foto para Linda e passo minhas mãos pelo meu cabelo despenteado. — Este homem não é chamado Winston, no entanto, — eu declaro. — É Vactrim, da Handy Car Wash e Mechanics. Vactrim arruma nossos veículos.

— Reid, este é Winston Sampson, e esta é a fotografia tirada pelo

Departamento de Transportes, a da sua carteira de motorista. — West coloca a mão firmemente no quadril e franze as sobrancelhas. Ele está confuso. Inferno, estou confuso.

— Bem, ou ele tem um irmão gêmeo idêntico que se parece com ele ou está se disfarçando em duas pessoas.

— Reid, você tem certeza? — A voz de West é tranquila.

— Cem por cento. Eu falo com o Vactrim no final de cada mês quando recebo os dois carros prontos. Eu pego o de Morgan no primeiro dia da última semana de cada mês. E eu faço o meu na mesma semana, mas no último dia do mês. É ele.

— Morgan fala com ele também? — O tom de West é abafado.

Eu balancei minha cabeça em câmera lenta. — Não. Ela não. Morgan nunca leva os carros para serem limpos. — Eu só paro. Paro um momento para realmente pensar se já houve algum tempo em que pedi a Morgan para fazer isso em meu lugar. Não houve. — Eu não acredito que Morgan já conheceu ele. Eu cuido de todos os arranjos de manutenção e limpeza com nossos veículos.

— Você o conhece, Linda? — West pergunta.

— Não.” É uma resposta rápida, mas quando me viro para Linda, posso ver a palavra mentirosa escrita em todo o rosto dela. Linda está vermelha e brilhante.

Por que Linda acabou de mentir?

CAPÍTULO QUINZE

Morgan

O espaço é pequeno demais para ficar de pé, então eu me debrucei e manquei por túnel após túnel até eles encolherem, e sou forçada a continuar rastejando. Pontos de luz solar aparecem através de rachaduras na estrutura ao meu redor, a luz do sol que eu não vi até agora. Quanto mais me arrisco, mais buracos aparecem, o que significa mais entradas de luz e tenho ar fresco para respirar. *Eu devo estar indo na direção certa.*

Todo músculo dói. Há um chiado agudo que segue cada respiração que tomo, e mesmo que o meu queixo apresente dor aguda na minha cabeça pelo quão duro estou cerrando meus dentes juntos, eu não choro nem grito. Eu fico em silêncio e continuo a caminhada.

O chão abaixo dos meus joelhos cai como areia sendo arrastada para o mar por ondas duras, mas não pode ser areia porque eu vejo uma coloração escura ... solo. Eu estou no subsolo, como eu suspeitava. Como a terra cedeu como aconteceu? *O lobo.*

Minha cabeça bate em uma parede. Eu cheguei a um beco sem saída. Não há mais túneis para levar para a minha esquerda ou para a direita quando giro minha cabeça. Eu não tenho para onde ir. Eu não quero voltar pelo caminho que vim; estou exausta demais.

— Ajuda, — eu imploro.

Um som que lembra um respiradouro de ar-condicionado assobiando quase me arrepiou. Eu estico meus braços e uso meus dedos para empurrar para frente. Preciso saber de onde vem porque não há ar condicionado que eu possa ver ao meu redor. Este deve ser um túnel feito pelo homem. Os túneis são dois perfeitamente cavados e colocados para ser algo criado pela natureza.

Enquanto caminho em direção ao distintivo assobio, vejo um espaço circular que senti falta inicialmente. Uma brisa forte corre através dela. Eu nunca vou passar por esse buraco. Eu ficaria surpresa se um adolescente pudesse escalar o espaço.

Uma, duas, três vezes, eu levanto minha cabeça gentilmente contra uma rocha saliente localizada ao lado da abertura que eu quero me espremer. Estou frustrada, sem fôlego e cansada. Um longo bufar vem comigo enrolando meu corpo em uma bola apertada. *Tente.*

Apenas tente. Eu faço.

Primeiro, empurro a mochila para a frente e, em seguida, atiro-a pelo buraco. Eu ouço isso acontecer quase imediatamente, então eu sei que o que quer que eu esteja subindo não tem uma queda significativa do outro lado. Eu poderia olhar, há espaço suficiente para eu espreitar minha cabeça, mas a ideia de ver o que está embaixo faz com que a ansiedade rasteje em minhas veias. *E se for um poço de espinhos? Porra!* Eu respiro fundo e enfio a cabeça, olhando para baixo. Eu vejo a silhueta da mochila no chão. Eu não vejo nada afiado, apenas o que parece ser folhas e sujeira.

Sem perder tempo, inclino a cabeça para o lado e encolho o ombro contra o ouvido, conseguindo passar os dois através da circunferência, mas o outro ombro fica preso. *Estou presa*. Eu embaralho, puxo e balanço meu corpo. *Eu ainda estou presa*. Repito essa ação várias vezes até gritar, xingar e conseguir atravessar o outro lado, caindo para trás e aterrissando com raiva.

— Eu fiz isso, — eu respiro antes de relaxar meus membros e olhando por cima de mim em um telhado alto feito de terra compactada. Demora um pouco até encontrar a energia para me colocar em uma posição sentada.

— O que é isso? — Eu suspiro. Uma única rosa vermelha cresce no centro do que eu rapidamente vislumbro para ser um amplo espaço aberto. Um holofote ilumina sua beleza ... apontado para sua posição no chão como um holofote para um ato de palco. Será que esta rosa significa alguma coisa? Poderia estar ligado às treze rosas nessas fotos?

Minhas pernas tremem e, quando encontro meus pés, me dirijo para a rosa, concentrada apenas em suas pétalas. O lobo criou um jogo para eu jogar, e eu sei que essa rosa tem que ser parte disso. Estou petrificada com essa rosa, o possível simbolismo que possa ter. Estou tremendo, e não tenho certeza se é porque estou com frio ou porque estou com medo. *Acalme-se, Morgan. Tente e encontre a calma.*

— Medos, — eu respiro. — São. — Eu deslizo meu pé direito através das casca e folhas abaixo da minha sola. — Histórias. — Eu deslizo meu pé esquerdo da mesma forma. — Que. — Eu fecho meus olhos brevemente. — Contamos a. — Eu arrasto meu pé direito mais uma vez. — Nós mesmos.

Isso não é real; é apenas uma história. Não há nada a temer mais, Morgan, porque as histórias não são reais, são fictícias e o que está acontecendo com você é fictício.

Continuo. Eu agito meus olhos em tantas direções quanto posso sem mover minha cabeça.

— Não, não, não, — eu grito, em seguida, envolvo minhas mãos em volta dos meus lábios e sufoco quaisquer outros gritos com as palmas das minhas mãos. Meus olhos se arregalam. Meu coração bombeia perigosamente rápido. Eu não posso tirar minha visão disso. Eu não posso desviar o olhar do crânio.

— Não, — eu murmuro em minhas palmas, sacudindo meus olhos em todas as direções possíveis mais uma vez. Ossos, tantos ossos, aqueles que acredito serem de origem humana. Por que há tantos deles espalhados pelo chão?

Foda-se!

Eu estou no cemitério dele.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Reid

— Você mentiu, — Linda e eu dizemos simultaneamente, de pé atrás da mangueira no meu quintal.

— Eu não menti. — Eu não fiz. Linda fez.

— Reid, você fez. Vactrim! Quem diabos é mesmo chamado Vactrim de qualquer maneira? O que você está escondendo?

— Eu não estou escondendo nada. É você quem tem algo a esconder. Linda, esse é Vactrim da porra do lugar que eu recebo meus carros arrumados.

— Não pode ser. — Linda sacode a cabeça.

— Você disse não quando West perguntou se você conhecia o homem daquela foto, e desde então você está distraída e tentando

evitar que Dusty, Dodger, qualquer que seja o nome do companheiro ... O que está acontecendo? Por que você está mentindo?

— Para protegê-lo. — Seu rosto fica tenso enquanto ela mantém sua voz para uma projeção suave. — O homem da foto é Winston Sampson, irmão de Falcon Sampson, assim como o detetive disse que era. Ele pode ser mais velho e mais substancial do que quando eu estava no colegial, e eu sei que eu só o conheci algumas vezes desde que ele estava com treinamento militar, mas eu juro que é ele. — O rosto de Linda se contrai e suas narinas inflama. — Por que você ... o que você ... — Ela para. — Reid, Falcon e Winston eram muito parecidos. Ambos tinham cabelos loiros ondulados e aqueles olhos azuis penetrantes que você viu? Bem, Falcon também tinha. Como você e Cruise. Vocês dois têm olhos azuis brilhantes e vocês dois têm características muito semelhantes.

— Não, nós não, — eu zombei. É absurdo que Linda pense que sim. Cruise é um fodido ator, pelo amor de Deus, admirado em todo o país por sua boa aparência e charme. Eu sou o irmão que nem chega perto no departamento de atração.

— Reid, você e seu irmão são muito parecidos. Você pode não ver, mas é verdade.

— Então isso nos leva a quê? Esse cara pode ser duas pessoas?

— Eu não sei. Possivelmente. Eu acho. Não. Como?

— Por que você não disse a West que sabia quem ele era quando lhe perguntou? Por que você não confirmou que era ele exatamente como West estava dizendo?

Ela bate no meu peito. — Obviamente eu pensei que você estava tentando esconder alguma coisa e eu não sabia o que era, e eu não confio nesses policiais e ... eu só quero que Morgan seja encontrado e que ela volte para casa.

— Linda, Morgan está desaparecida há quase quarenta e oito horas. Eu não dou a mínima se parece que estou escondendo alguma coisa. Você precisa dizer aos policiais tudo o que sabe. Quero Morgan de volta hoje, agora mesmo.

— Eu não confio nesses policiais, Reid, e mesmo que eu saiba que você não tem nada a ver com isso, você já foi enganado uma vez. Dusty disse que o cara que levou Morgan também pegou o dinheiro do seu cofre, e desde o começo, você foi feito para aparecer como o principal suspeito.

— Todos os maridos são os principais suspeitos. Você já assistiu o suficiente desses shows sangrentos de policiais com Morgan para saber disso. — Estou brava com Linda por não ser honesta desde o começo com o West.

— Como Falcon ou Winston saberiam onde você mora, quanto mais saber a combinação do seu cofre?

— Como os policiais saberiam a combinação do meu cofre? Presumo que seja quem foi usou meios ilegais. Além disso, Vactrim sabe o nosso endereço. Estaria no meu arquivo na concessionária de carros. Se eles são a mesma pessoa, então eles saberiam.

— Morgan não tinha visto Falcon desde algumas semanas depois que ela conheceu você. — O dedo de Linda se estende, e ela o coloca no ar na minha frente. — Por que ele se importaria com o que vocês dois estavam fazendo afinal? Por que ele se importaria tanto depois do fato? Ele provavelmente é casado e tem filhos e mora nos subúrbios em algum lugar.

— Talvez eu tenha irritado Vactrim, ou o fodido Winston, ou qualquer que seja o nome dele. Você disse que seu ex estava apaixonado por ela ... obsessivo, acho que é o termo que você usou nas

poucas vezes em que seu nome foi citado. — Eu envolvo minha mão em torno do dedo de Linda e abaixo para o lado dela antes de soltar.

— Ele era um garoto excitado, mas ele entendeu que eles se distanciaram, que acabou. A última vez que ouvi falar dele foi que ele se mudou, e Morgan também estava com você.

— Morgan nunca ...

— Apenas fracassou. Isso é o que eu entendo sobre como isso terminou.

— Apenas fracassou?

— É o que ela disse meses antes de começar a universidade… que perdeu a faísca e lentamente eles estavam se distanciando, e então se separaram. É isso exatamente o que ela fez.

— Por que você não contou isso para a polícia?

— Eu estava protegendo você.

— Ou você mesmo.

Linda muda de pé para pé; ela está ficando desconfortável. — Pfft. Endireita a sua cabeça. Eu não tenho nada para me proteger. Morgan

te conhecendo na semana anterior à separação não foi nada além de uma coincidência.

— Linda, você precisa dizer a West e Gleaton tudo o que você sabe. Eles vão cavar por aí procurando por merda, e você tem informações. Eles descobrirão com ou sem você. Eles também vão saber que você mentiu através de seus dentes.

— Tudo bem, — ela bufa.

— Talvez esse irmão do Bom Samaritano não seja uma pessoa tão boa, afinal.

— Minha única pergunta é, se Winston parou para consertar o pneu, e Dusty disse que eles se separaram depois que o trabalho foi feito ...

Não tenho certeza de onde Linda está indo com isso.

— Bem, da sua conta ... — Linda continua antes de parar de falar e bate um dedo no queixo. — Isso significa que Winston seguiu Morgan depois que eles se separaram e depois bateu no carro dela? — Linda faz uma pausa. — O carro que parou na beira da estrada naquela noite era um pequeno sedã dos relatórios da polícia. O carro que atingiu

Morgana dentro propriedade era maior, com uma faixa de pneus mais larga.

— Como você sabe de tudo isso?

— Eu tenho um policial no interior, lembra? — Ela revira os olhos.

— Eu preciso que você me conte tudo, — eu grito.

— Os pesquisadores encontraram algo no local onde o carro de Morgan estava.

— O que? — Minha voz aumenta a palavra.

Os olhos de Linda se arregalam. Ela abaixa a cabeça e murmura: — Reid, nós temos os olhos em nós. Astin está vindo em nossa direção.

Eu não mudo minha cabeça para olhar por cima do meu ombro, porque eu já posso dizer que Linda está assustada com a rapidez com que seus ombros se moveram para cima.

— Chore, — eu sussurro.

— Por quê?

— Parece que estou confortando você.

E tão rapidamente quanto as palavras saem dos meus lábios, Linda explode em lágrimas como qualquer atriz de Hollywood. — Por que eles não a encontraram? Eu não posso mais fazer isso. Por que eles não a encontraram? — Ela grita através das lágrimas.

Vestindo calça de moletom e uma camiseta de algodão, descartei minha toalha encharcada no cesto e repeti a conversa entre West e Linda uma vez e outra em minha mente. Linda confessou tudo depois que West nos interrompeu, e ela deu a ele todas as informações que tinha sobre a fotografia e sobre a pessoa que ela acreditava ser, Winston Sampson. O homem identificado como aquele que parou e ajudou Morgan. O mesmo homem cujas impressões digitais estavam no pneu na bota de Morgan. Respeitei minha afirmação de que o homem na foto que West forneceu era Vactrim, o detalhista da empresa que usamos para consertar e limpar nossos carros. Mesmo que Linda e a tecnologia pareçam disputar minha reivindicação, sei que estou certo, e em breve o detetive Astin West também saberá que estou certo,

porque ele fez uma ligação imediatamente para a detetive Dyson encontrar Vactrim.

Depois que West fez a ligação, ele anotou como se fosse um esporte olímpico, e Gleaton gravou mais conversas com Linda em seu telefone. Eu escutei atentamente, esperando que Linda revelasse informações que ela não tinha compartilhado comigo. Ela não fez. Foi a mesma história. Ela só encontrou com ele algumas vezes. Ele tinha olhos azuis distintos, assim como seu irmão, e a relação entre Falcon e Morgan se desvaneceu muito antes de Morgan e eu começarmos a namorar, apesar de terem se separado apenas uma semana antes. A separação foi bem, a partir do relato de Linda sobre o que Morgan tinha compartilhado com ela e, mais tarde, Morgan e eu nos mudaríamos e seguiríamos nossas vidas.

Mas Winston, o ex-namorado de Morgan, Falcon, ou os dois poderiam estar envolvidos? Não faz sentido para o porquê, mas, novamente, Morgan tinha sido muito reservada sobre revisitar seu passado comigo em todos os anos de casado. Nós éramos tão jovens e mal tínhamos uma história para mencionar em retrospecto, mas é porque ela sabia que um dia seu ex iria sequestrá-la. Se sim, por quê?

Assim que Linda e Dusty foram embora, o mesmo aconteceu com

West e Gleaton. Maloney permaneceu para segurar o forte, como ele praticamente fez desde o início deste pesadelo. John também ficou, acho que para me oferecer companhia, enquanto Kylee, Ronald e Shirley cuidavam das crianças da casa ao lado. O café que John fez anteriormente não caiu bem depois dos primeiros goles, e o sanduíche que ele colocou permanece intocado. Eu não posso comer comida. Eu não posso aguentar outro momento sem saber onde Morgan está.

Meu telefone toca. Eu dou três passos largos para alcançar o criado mudo e retirá-lo do carregador. Passar o dedo pela tela revela uma mensagem.

Natalie: Acabei de chegar ao aeroporto de Rockhampton e estou entrando em um táxi. Estou a caminho. Eu sinto muito, Reid. Eu estarei lá assim que puder.

Alívio. Não sinto nada a não ser alívio pelo fato de meu irmão e minha cunhada estarem aqui em Rockhampton. *Sobre o tempo do caralho*. Eu ainda não ouvi falar de papai ou mamãe, mas isso me dá esperança de que eles estejam com Natalie ou não muito atrás.

— Reid. Baby. Reid. — A distinta voz doce da minha mãe é música para os meus ouvidos. O som seguinte, com os pés batendo no

corredor, faz com que eu corra para a porta do quarto, balançando-a aberta.

— Mãe, — eu chamo.

— Oh, meu Deus, querido, sinto muito. Acabei de ver o John lá embaixo e ele disse que ainda não encontraram a Morgan. — Os braços da minha mãe envolvem minha cintura, e sua cabeça encosta no meu peito enquanto ela soluça.

— Mãe, não chore, — eu digo baixinho.

— Por que eles não a encontraram?

— Eu não sei.

Levando mamãe até a beira da cama, eu a ajudo a sentar. Tomando a caixa de lenços de papel do criado mudo ao lado de Morgan, eu entrego para ela. Ela enxuga os olhos antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa.

— Você dormiu, mãe? Você parece exausta, — eu digo, olhando para as bolsas pretas circulando seus olhos azuis manchados de lágrimas.

— Um pouco. Conseguir um voo para casa foi desastroso, e seu pai estava atrasando a gente para tentar encontrar Cruise e Natalie. Nós não tivemos sorte. Você?

— Não, não até pouco antes. Natalie mandou uma mensagem; eles estão a caminho do aeroporto em um táxi.

— Oh, graças a Deus, — mamãe grita. A preocupação, o amor e a necessidade de uma mãe em ajudar os filhos estão sempre presentes. Eu posso ver nos olhos da minha mãe como eu a admiro. Eu vi esse mesmo olhar nos olhos de Morgan. — Leve-me através de tudo desde o começo?

— Onde está o papai? Talvez devêssemos discutir isso com ele presente. Vai economizar com a mesma conversa duas vezes.

— Ele está lá embaixo com John e um homem chamado Max. Ele disse que é um policial. — Eu aceno para confirmar que isso está correto. Mamãe enxuga os olhos com um lenço novo que puxa da caixa, o velho tecido vejo sendo descartado aos seus pés. Ela estende os braços, esperando que eu os segure. Eu faço. Mamãe cheira como sempre – recém lavada. — Devemos esperar até que Cruise e Natalie cheguem aqui também.

— Soa bem. — Eu relaxo apenas por um curto momento.

Não sei por quanto tempo fico com minha mãe, trocando abraços, mas parece que já faz um tempo. Ela pega minha mão e eu escovo as mechas marrons caindo contra seu rosto atrás da orelha e digo: — Vamos descer as escadas, mãe. Tem sido um dia longo e temos uma longa noite pela frente. Talvez, quando o Detetive West e Gleaton retornarem, eles tenham notícias sobre o que a noite e o amanhã trarão. — Eu me levanto, estendendo a mão para ela pegar.

— Eles são bons homens? — Ela pergunta, colocando a mão na minha.

Eu não respondo porque não tenho certeza. Se eu não estivesse tão desconfiado de todos os policiais que estão lidando com o caso de Morgan, então talvez eu diria que eles são.

Quando damos o primeiro passo, ouço West falando. Ele voltou.

— Alguma novidade? — Eu cuspo no momento em que ele vem na minha vista.

— Temos algumas novas pistas, sim. — Ele está assentindo. Eu acho que ele pode até estar sorrindo, ou ele está com um sorriso

presunçoso? Eu não tenho certeza.

— Filho. — A voz do papai é rouca, como se ele estivesse com um resfriado. Eu posso dizer porque suas narinas geralmente estão inflamadas e brilhando em vermelho, e seus olhos azuis estão maçantes.

— Você está doente, pai?

— Só um resfriado, companheiro. Nada que um uísque não conserte. — Papai e seu conselho médico. Scotch conserta tudo em seus livros. — Venha aqui. — Ele estende um braço.

Eu não hesito em caminhar na direção dele. Seu braço é tão cabeludo e comprido quanto eu me lembro. Sua camisa do Cowboys passa bem por cima da banda no topo de seu short de carga. Quando papai passa a mão nas minhas costas e coloca no meu ombro oposto, tenho a sensação de que tudo ficará bem agora. Papai é um homem forte, um homem que já foi major no exército. Ele trabalhou na terra e sobreviveu a um acidente de carro que era praticamente incapaz de sobreviver. Meu pai é o mais duro dos duros; ele é meu herói.

Toc, toc, toc.

Há uma forte batida vindo da porta da frente. O detetive Gleaton, que está a cerca de um metro da porta, atende.

— Eu sou Natalie Banks. — Eu a ouço dizer.

— Entre. — Gleaton pisa para o lado.

— Meu Deus! Pobre Morgan. — Natalie deixa cair uma pequena bolsa no chão e corre para mim. *Onde está toda a bagagem dela?* É um abraço estrangulante que ela entrega.

— Ei, Nat, onde está o Cruise? Ele está trazendo sua bagagem?

Natalie muda até que ela está segurando em minhas mãos. — Hã? Ele não está aqui? — Ela pergunta.

— Desculpe, ele não está onde? — Por que ela acha que ele está aqui?

— Cruise já está aqui com vocês?

— Não. — Eu balancei minha cabeça.

— Merda! — Ela amaldiçoa baixinho.

— Natalie. — A voz de mamãe treme.

— Ele deveria estar aqui. Nós brigamos, foi um grande problema, e ele saiu correndo. Ele nunca chegou de volta ao hotel, e no dia seguinte ele não apareceu. Eu consegui localizá-lo de volta para a Austrália. O cartão de crédito mostrou que ele comprou um voo.

— Quando foi isso? — West diz atrás de nós.

— Foi terça-feira passada.

— Quando você chegou na Austrália? — Pergunta West.

— Seis da manhã, esta manhã. — Natalie vira seu corpo de lado. — Eu fiquei em nosso hotel para me recompor antes de voltar para a Austrália. Quando voltei, fui ao nosso apartamento na cidade, pensando que Cruise estaria lá ... Eu pensei que ele estaria amuado, como ele costuma fazer, e ainda não tenha retornado nenhuma das minhas ligações, eu esperava que ele estivesse em nosso apartamento. Ele não estava, e nem a bagagem dele.

— Então, nenhum de vocês sabe onde Cruise está? — Os olhos de West se conectam com os meus.

Eu sacudo minha cabeça.

— Como você sabia vir aqui, Natalie? — Eu conheço o tom que

West usa; é o mesmo que ele usou quando me interrogou depois que Morgan desapareceu pela primeira vez, então, novamente, quando o dinheiro não estava em meu cofre.

— Nossa vizinha, Cali. Ela tocou a campainha e me disse para ligar a televisão; ela deve ter me visto chegar em casa. Assim que eu te vi no noticiário, Reid, eu reservei os voos para chegar aqui. Melbourne para Brisbane, Brisbane para Rockhampton.

— Então ... então ... Cruise está desaparecido também? — Mamãe está pálida como um fantasma quando eu levo minha atenção para ela.

— Eu não sei. — Natalie está segurando a unha do polegar entre os dentes.

Telefone toca.

West aponta para o aparelho no banco da cozinha antes de fazer a curta distância até o laptop. Ele acena uma vez.

— Olá, — eu digo ao responder.

— Bem, Reid, você não interpretou bem o papel de um marido assustado e triste na televisão hoje de manhã? Boohoo. Pfft! Eu não comprei um minuto disso, — ele diz, assustadoramente calmo e sem

um sotaque britânico e uma máquina mecânica. Ele não parece estar mais disfarçando sua voz. — Todos nós sabemos que Morgan não estava te tratando bem, não é?

Eu assobio para ele sem pensar. — O que diabos você sabe sobre minha família e minha esposa? Você não sabe nada – você entendeu tudo errado. Eu a amo e ela me ama, e sempre vai amar. Eu sei quem você é, babaca, e Morgan não te amava, então por que você queria que ela ficasse?

— Morgan prometeu amar e ela não fez, então, por isso, ela vai pagar. Você nunca foi melhor. — Ele estala.

A linha fica morta.

E ali mesmo, em poucas palavras, temos a resposta. Eu olho Gleaton, que está balançando a cabeça. — Sem pistas. Ele não ficou na linha por tempo suficiente.

Eu torço meu pescoço e olho para os olhos cinza escuros do Detetive West. — É ele, certo? É o ex dela, Falcon; você tem provas agora, então vá encontrá-lo.

— Reid, isso não provou nada. Só nos mostrou que a pessoa que

levou Morgan parece conhecer vocês dois bem. Mas, independentemente disso, temos policiais caçando Falcon e seu irmão como pessoas de interesse. — Ele faz uma pausa, colocando uma mão no quadril. — Reid, onde você acha que seu irmão pode estar? Ele tem alguma propriedade que ele não gostaria que os outros soubessem, exceto talvez você?

O que ele está procurando aqui? Cruise? Não é uma chance. Cruise não tem motivos para ferir Morgan ou eu. Não é meu irmão.

O telefone toca de novo.

Eu agarro o aparelho. Respiro um pouco. Eu não tenho a chance de dizer qualquer coisa antes que um grito agudo atravesse a linha, e é tão penetrante que faz com que a dor atire no meu ouvido. Eu mantenho o telefone à distância. West rasga o fone de ouvido ligado no laptop de suas orelhas enquanto eu olho para ele com medo de lixiviar meu coração.

Os gritos param. Eu trago o aparelho perto da minha bochecha.

— Ela é uma cadela morta agora. — Suas palavras são atadas com veneno.

A linha cai morta.

CAPÍTULO DEZESSETE

Morgan

Há tinta vermelha em um quadro negro no lado oposto da rosa. Como cheguei até aqui, como eu andei sobre os restos do esqueleto, eu nunca vou saber, mas eu fiz. Cada passo que eu dava me fazia chorar por aquelas que estavam aqui. Cada respiração que eu tomei tremeu. Eu só sabia que precisava continuar para poder ir para casa. Eu não posso ser enterrada aqui com elas. Ninguém nunca vai me encontrar. Ninguém vai levar essas mulheres de volta para suas famílias se eu não sair.

QUEM SOU EU, RED?

Sua última pergunta, e a primeira linha deste quadro, está escrita em letras maiúsculas. Eu traço as pontas dos meus dedos sobre as letras pintadas; está seco. Isso é tinta ou é sangue? Eu me encolho com

o pensamento e puxo minha mão para trás. Eu tento não pensar nisso sendo outra coisa senão pintura. Eu trabalho muito, mas minha mente grita. *Você tocou o sangue delas. Fuja do sangue.*

Eu tropeço para trás, tentando escapar do meu próprio pânico. Este homem está além de doente da cabeça. Ele é meu pior pesadelo e ele me prendeu em seu cemitério. É onde o jogo termina? É onde ele me mata?

Uma luz pisca, assim como uma fluorescente, quando ligada pela primeira vez. *Quem acendeu uma luz?* As letras parecem maiores, mais grossas, mais nítidas do que antes da luz incidir sobre ela.

QUEM SOU EU, RED?

A luz está brilhando de cima das palavras, e é quando vejo um longo tubo preso no topo do quadro. Eu caio no meu traseiro e deslizo minha bunda para trás antes de me encolher, esperando por seu retorno.

— Por favor, por favor, por favor. Deixe-me ir. — É uma implicação automática.

Não há resposta.

— Por favor, Cullum. Eu sei que é você. — Foi isso mesmo uma suposição bem pensada. Ele cheirava a chiclete. Ele me revistou da mesma forma que Cullum fez na minha despedida de solteira antes de eu fugir. Não pode ser mais ninguém. — Cullum, por favor, — eu choro.

Não há resposta. Não há assobios. Não há nada. *Onde ele está?*

O tempo passa e acredito que busquei o máximo que pude. Eu procurei uma saída, uma porta, qualquer coisa, mas não havia nada a ser encontrado. Eu não tenho certeza de quanto tempo continua passando, mas parece uma eternidade, e enquanto eu me sento encolhida, esperando como um animal pronto para o abate, eu choramingo.

— Como ele entra? — Eu murmuro sob a minha respiração. Não há como o lobo conseguir passar pelo buraco que consegui. Ele é muito largo e muito alto, então como ele entra no cemitério? Precisa haver outra maneira de entrar e sair.

A pele das minhas mãos está em carne viva, sangrando, e mesmo que elas tremem, eu não paro de arranhar as paredes de terra compactadas com minhas unhas e tesouras enquanto retomo minha busca. Eu não pude simplesmente sentar lá. Eu tive que tentar de novo. Eu não tenho certeza de quanto tempo eu tenho até o lobo chegar, mas eu vou fazer o que puder para dar o fora daqui antes que ele chegue e me domine. Neste ponto do jogo, apenas um tolo pensaria que seria capaz de desafiá-lo fisicamente. Tudo o que tenho como minha armadura é minha mente e este par de tesouras cirúrgicas. Eu preciso descobrir como ele entra.

Escuto um barulho.

É uma corrente, e vem debaixo do buraco por onde subi depois de tomar o labirinto de túneis em que ele me forçou. Porra. Ele está aqui. Minha mente corre com o mesmo ritmo do meu coração acelerado. Eu não fui rápida o suficiente. Eu não fui esperta o suficiente para descobrir isso antes. Eu corro em direção ao som. Caio. Eu volto para cima. Manco. Viajo. Eu volto para cima. Eu corro até que eu posso alcançar meus braços e tocar a parede ao lado de onde eu ouvi o barulho vindo. Posso sair quando ele entrar? É minha única esperança.

Pressionando meu corpo contra a parede de terra, eu prendo

minha respiração e mordo meu lábio para abafar os gritos que posso sentir sendo convocado para a minha língua. A sujeira se dobra para dentro e depois se abre como uma porta. Eu seguro a tesoura no meu punho apertado ao lado do meu rosto, pronto para atacar se eu precisar. Eu não faço barulho.

Ele assobia sua melodia sinistra e, apesar de eu sacudir o medo que me invade, ainda não faço nenhum som.

— Red, estou em casa. Você está com saudades de mim?

Eu mordo mais forte no meu lábio. As costas do lobo estão rapidamente a meu ver. Há uma camiseta preta cobrindo sua estrutura muscular. Sua cabeça se desloca lentamente da esquerda para a direita e, nessa fração de segundo, percebo que ele ainda não está ciente de que estou atrás dele. Com a porta ainda aberta o suficiente para eu escapar, eu seguro a tesoura na minha mão agora trêmula e me lanço para frente.

— Foda-se! — Ele grita depois que eu balanço meu braço descontroladamente e, em seguida, continuo a mergulhar minha arma em cada pedaço de sua carne que eu posso. Estou com medo. Eu preciso fugir. O cheiro de metal reveste os pelos finos nas minhas

narinas e, à medida que o cheiro fica mais forte, grito, um som agudo, liberando toda a minha angústia com o barulho. Eu não sinto mais a alça da tesoura quando tento puxá-la para trás. Minha mão está escorregadia, pegajosa ... Está coberta de sangue.

Eu mergulho e tiro um item do chão que chama minha atenção quando cai da posse do lobo. Eu corro. Corro como o vento e não olho para trás, nem uma vez depois de passar pela porta. Eu não me atrevo a correr o risco de procurar por ele. E embora eu não tenha ouvido ele me seguindo, aprendi a não esperar. O lobo não faz som quando se move porque é um fantasma.

Eu não consigo parar de correr. Eu preciso encontrar um lugar para me esconder. Eu tenho uma chance de liberdade?

Casa. É um lugar para onde eu corria, mesmo que não tivesse sobrado pele na sola dos meus pés para proteger minha carne. Eu não vou parar de tentar ir para casa para minha família. Eu não paro de correr, independentemente da minha dor.

CAPÍTULO DEZOITO

O lobo

Essa puta. Esse pedaço de merda. Eu vou encontrá-la, e quando o fizer, não haverá segunda chance. Morgan Banks é uma cadela morta no momento em que eu colocar minhas mãos em volta do seu pescoço. Foda-se o jogo, e foda-se com ela.

Atingindo a minha mão sobre o meu ombro, eu corro meus dedos pela minha camisa de imersão até localizar o objeto que ela me atacou cutucando fora da minha pele.

— Prostituta, — eu gemo enquanto eu puxo minha mão e o objeto para cima. Há demasiado sangue para ver exatamente o que é, então eu cuspo em minha palma e uso minha luva para limpá-lo. *Tesoura cirúrgica. Tesoura cirúrgica do caralho. Como diabos ela conseguiu isso?*

Cada passo que dou para a mata circundante me faz mais irritado. Eu cometi um erro, e eu nunca cometo erros. Eu subestimei Morgan, e esta é provavelmente uma estupidez ainda maior do que as tesouras

eram. Ela sempre foi inteligente, mas eu nunca teria pensado que ela teria este tipo de determinação. Eu nunca pensei que ela realmente tentaria me matar. Eu sorrio. *Impressionante*.

Onde ela está? Ela não terá caminhado longe demais com as lesões que ela tem.

Escuridão.

Quieto.

Paciência.

Invisibilidade.

Treinamento ... estas são as minhas armas. Eu vou encontrar Morgan no escuro da noite. Eu só preciso deixá-la vir a mim, que ela vai. Ela vai correr em círculos. Seu senso de direção sempre foi pobre, e sua capacidade de permanecer silenciosa quando está assustada não é uma de suas qualidades mais finas.

Os uivos dos dingos enchem o ar, e é o meu som favorito. Sua necessidade de uma morte é predatória. Eles querem carne fresca, e eu também. A direção de seus gritos é a direção que eu vou tomar. Morgan está sangrando. Eles vão sentir o cheiro dela, e eu também,

assim que eu chegar perto o suficiente.

Venha até mim, Morgan. Encontre a sua morte.

Eu fecho meus olhos e farejo descontroladamente, imaginando Morgan, debaixo de mim com as minhas mãos apertando em volta do seu pescoço, com os olhos arregalados, a respiração ofegante, até que ela não possa respirar. Eu procuro o olhar de horror que irá corrigir permanentemente sua expressão até sua aceitação da morte chegar. Eu quero assistir a vida saindo dela, e depois que eu conseguir, eu irei remover as pontas dos dedos, seu toque apagado. Ela nunca ganhou o direito de tocar outro ou segurar outro. Ela não merecia nada que lhe foi dado.

Ouço um ruído.

— Puta boba. — O sorriso levantando meus lábios fala da minha satisfação.

Aí está você, Red. A escuridão não pode mantê-la escondida.

CAPÍTULO DEZENOVE

Reid

Eu ainda estou em choque. Mamãe, pai, Natalie, John, Kylee, e Ronald estão todos aqui, e Shirley espera na casa com as crianças, mesmo depois que John ligou para contar a ela o que havia acontecido.

Maloney está perto da porta da frente, olhando na direção de West que está apenas um metro de distância digitando algo em seu telefone. Maloney parece estressado. Sua postura parece rígida, seus olhos se estreitaram, seu peito subindo e descendo rapidamente. O que está acontecendo? Será que eles sabem que ela está morta, ou estão preocupados que ele está matando-a agora, como eu estou?

Maloney enfia a mão no bolso e recupera seu telefone e, como ele olha para a tela, sua mão livre alcança o rádio portátil preso ao cinto. Ele mexe os dedos de lado.

— Despacho, este é RK-681. Temos um corpo. Fêmea. Caucasiana. Morena. Precisamos de todas as unidades na área de Yeppen Lagoon para responder. Eu acho que nós encontramos a nossa pessoa desaparecida.

Minhas bolas se lançam no fundo da minha garganta. Eu pulo da minha cadeira e vou em direção a West. Eu não tenho nenhuma ideia o que eu pretendo fazer quando eu o alcançar, mas socá-lo em sua boca parece ser uma boa ideia do caralho. West disse que Morgan ainda estava viva. Ele disse que era apenas um ato, uma ameaça vazia, algo para me assustar. Ele porra me assustou.

West mentiu.

— RK-681, esta é uma expedição. Estamos enviando CBI, e a perícia já está a caminho. Por favor, mantenha sua posição e proteja a área.

— Max, desliguei o rádio, — diz West, olhando para ele.

— Sim, senhor. Eu tentei. — Maloney é rápido para responder.

Eu vejo vermelho. Eu quero que West diga que isso não está

acontecendo; que é um erro.

Vou para ele.

— Reid. Pare, — ordena West com as palmas das mãos levantadas e viradas para fora.

— Morgan. É Morgan, porra? — Eu grito.

— Deixe-me ir para o local. Eu preciso inspecionar isso por mim mesmo.

— É Morgan? — Um som torturado é liberado de dentro de mim. Minha frequência cardíaca aumenta a ponto de eu achar que ela nunca baterá em um ritmo mais lento novamente. Calor surge através de minhas veias como cada batida do meu pulso ecoa em meus ouvidos. — Astin, é Morgan? Você sabe algo; eu sei que você sabe.

Ele olha nos meus olhos, e eu sei que eu não quero ouvir o que ele vai dizer. Eu não quebro o contato, porém, me preparo para o pior.

— Reid, eu tenho recebido mensagens dos oficiais que localizaram este corpo. — Ele faz uma pausa. — A roupa que ela está usando é a mesma que Morgan tinha no dia em que desapareceu. — Ele quebra o contato visual e deixa cair sua cabeça.

Ele matou a porra da minha esposa.

Morgan se foi.

Eu não posso respirar.

Meus joelhos batem no chão antes das minhas mãos, e minhas costas arqueiam quando eu me enrolo. — Não. Não. Não! — eu grito. — Nãooooooooo! — Eu chupo de volta um bocado de ar que necessito. — Ele a matou. Ele matou a minha mulher.

Eu não vou sobreviver a isso. As crianças não vão sobreviver a isso. Ele tomou tudo de mim assim como ele prometeu.

Morgan está morta.

Gostaria de ler o livro seguinte da serie Game of Life, Four Hearts, agora?